



## Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

### Diário da Sessão

**VI Legislatura**

**Número: 67**

**III Sessão Legislativa**

**Horta, Quarta-Feira, 24 de Fevereiro de 1999**

**Presidente:** *Deputado Humberto Melo*

**Secretários:** *Deputados Natividade Luz e José Ramos Aguiar (substituído no decorrer da Sessão pelo Sr. Deputado Manuel Brasil)*

### Sumário

#### **Período de Antes da Ordem do Dia:**

Depois de lida a correspondência entrada na Mesa da ALRA, passou-se ao **período destinado a intervenções de interesse político relevante para a Região** em que intervieram os Srs. Deputados José Francisco Fernandes (*PSD*), João Greves (*PP*), Francisco Oliveira (*PS*), Jorge Valadão (*PSD*), Manuel Brasil (*PSD*), Alvarino Pinheiro (*PP*), Manuel Serpa (*PS*), Paulo Valadão (*PCP*), Rui Pedro Ávila (*PS*), José Ramos Aguiar (*PSD*), José Nascimento Ávila (*PS*), Guilherme Pinto (*PS*), Eugénio Leal (*PSD*), Aires Reis (*PSD*), António Gomes (*PS*), Mark Marques (*PSD*), Aurélio da Fonseca (*PSD*), Fernanda Mendes (*PS*), Manuel Azevedo (*PSD*) e ainda o Srs. Secretários Regionais Secretário Adjunto da Presidência *Francisco Coelho* e da Economia *Duarte Ponte*.

No **Período da Ordem do Dia** foram apreciados os seguintes diplomas:

- **Proposta de Decreto Legislativo Regional sobre "Adaptação à Região Autónoma dos Açores do Decreto-Lei nº. 167/97 (Empreendimentos Turísticos)"**, tendo a sua apresentação sido feita pelo Sr. Secretário Regional da Economia (*Duarte Ponte*).

Sobre este assunto usaram da palavra os Srs. Deputados Augusto Elavai (*PS*), Paulo Valadão (*PCP*), Eugénio Leal (*PSD*), Alvarino Pinheiro (*PP*) e Jorge Valadão (*PSD*). Posta à votação foi a mesma aprovada por unanimidade, tanto na generalidade como na especialidade.

- **Proposta de Decreto Legislativo Regional sobre "Criação do Centro Regional de Operações de Emergência de Protecção Civil dos Açores, no âmbito do Serviço Regional de Protecção Civil dos Açores com a finalidade de coordenar as operações e o apoio logístico necessário em caso de acidente grave, catástrofe ou calamidade, centros municipais de operações de emergência de protecção civil, no âmbito dos serviços municipais de protecção civil, dirigidas pelos Presidentes das Câmaras ou por Vereadores seus delegados, com as competências atrás descritas, nas áreas geográficas dos respectivos conselhos"**, cabendo a sua apresentação ao Sr. Secretário Regional da Habitação e Equipamentos (*José Contente*).

Posta à discussão usaram da palavra os Srs. Deputados Rui Pedro Ávila (*PS*), José Maria Bairos (*PSD*) e Nuno Almeida e Sousa (*Indep.*).

Submetida à votação foi a mesma aprovada por unanimidade, tanto na generalidade como na especialidade.

*(Os trabalhos terminaram às 20.00 horas)*

---

**Presidente:** Boa tarde, Sras. e Srs. Deputados, eu peço o favor de ocuparem os vossos lugares. Vamos proceder à chamada.

*(Eram 15.20 horas)*

*Procedeu-se à chamada à qual responderam os seguintes Deputados:*

***Partido Socialista (PS)***

**António** das Neves Lopes **Gomes**

**António** José Tavares de **Loura**

António Manuel da **Silva Melo**

**Carlos** Alberto da Costa **Fraga**

**Dionísio** Mendes de **Sousa**

**Francisco** Cardoso Pereira **Oliveira**

**Francisco** Couto de **Sousa**

**Guilherme** Marinho **Pinto** de Sousa

**João** Carlos do Couto **Macedo**

**João** Manuel Pereira **Forjaz de Sampaio**

**José** Humberto de Medeiros **Chaves**

**José** do Nascimento **Ávila**

**João** Luis Sanchez dos **Santos**

**Luis** Machado **Resendes**

**Manuel** Goulart **Serpa**

Manuel **Herberto** da **Rosa**

Maria **Fernanda** da Silva **Mendes**

Maria da **Natividade** da **Luz**

**Vasco** Ilídio Alves **Cordeiro**

***Partido Social Democrata (PSD)***

Alberto Romão **Madruga da Costa**

**Ana** Carolina Gomes da **Silva**

**António** Manuel Silva **Almeida**

**António** Manuel Goulart Lemos de **Meneses**

**Aurélio** Henrique Silva Franco da **Fonseca**

**Eugénio** Manuel Pereira **Leal**

**Francisco** Xavier Araújo Rodrigues

**Humberto** Trindade Borges de **Melo**  
**Joaquim** Carlos Vasconcelos da **Ponte**  
**José Ramos Aguiar**  
**José Francisco** Salvador **Fernandes**  
**Jorge** Manuel Leão Temudo **Valadão dos Santos**  
**José Manuel** Cabral Bolieiro **Dias**  
**José Manuel** Avelar **Nunes**  
**José Maria Bairos**  
**Manuel** Teixeira **Brasil**  
**Manuel** da Silva **Azevedo**  
**Mark** Silveira **Marques**  
**Victor** do Couto **Cruz**

***Partido Popular (PP)***

**Alvarino** Manuel Meneses **Pinheiro**  
**João** Maria Fraga **Greves**

***Partido Comunista Português (PCP)***

**Paulo** António de Freitas **Valadão**

***Deputado Independente (Indep.)***

**Nuno** Alberto Barata **Almeida e Sousa.**

**Presidente:** Estão presentes 43 Srs. Deputados.

Declaro aberta a Sessão. Pode entrar o público.

Vamos dar início aos nossos trabalhos com a leitura da correspondência.

**Secretário:** (*José Ramos Aguiar*): Parecer da Comissão de Economia, Finanças e Plano sobre o Projecto de Decreto-Lei "Regulamenta o regime de benefícios fiscais contratuais, condicionados e temporários, susceptíveis de concessão a projectos de investimento em Portugal".

- Parecer da Comissão de Economia, Finanças e Plano sobre o Projecto de Decreto-Lei "Regulamenta o regime de benefícios fiscais contratuais, condicionados e temporários, susceptíveis de concessão para a industrialização das empresas portuguesas".

**Presidente:** Terminada a leitura da correspondência entrada na Mesa passamos então ao tratamento de assuntos de interesse político relevante.

Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado José Francisco Fernandes.

**Deputado José Francisco Fernandes (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

A minha posição nesta Assembleia, sempre foi e será a defesa dos interesses das populações que me elegeram tendo em conta o desenvolvimento harmonioso do todo regional, que apesar de crescer pouco para alguns, para outros, infelizmente, a situação é bem pior, e pouquíssimo de positivo se pode apontar.

Entristece-me e preocupa-me profundamente esta forma de actuação, aliás demonstrada por este Governo Regional, aquando da elaboração do Plano e Orçamento para o ano em curso, que na altura tive oportunidade de criticar .

Sem querer ser pessimista, pois é com muito orgulho que decidimos viver nas Flores, onde, com os Governos do PSD se deram passos significativos no melhoramento das nossas condições de vida, aliás, facilmente constatáveis, não posso deixar de encarar a situação com realismo e deixar que se pense que é tudo um "mar de rosas".

Somos ainda uma ilha com significativas carências e dificuldades.

Somos os mais distantes, os que detêm menor poder económico, os que mais se deparam com a falta de recursos humanos, e somos até os que mais continuamente sofrem com as adversidades dos temporais.

Nas Flores, sofre-se a insularidade ao quadrado. Temos todos os problemas das outras ilhas, mais os nossos.

É por isso que tenho que ter uma postura reivindicativa perante o poder regional. Só assim é que defendo os interesses dos Açorianos residentes nas Flores.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

Governar não é relacionar os problemas mas sobretudo, resolvê-los em devido tempo.

A Autonomia Regional mudou a face dos Açores e para tanto, os Governos Regionais da responsabilidade do PSD empreenderam grandes esforços financeiros, designadamente para dotar a Região das infra-estruturas de base, imprescindíveis para o nosso desenvolvimento.

É bom recordar, embora saiba que os Srs. Deputados do Partido Socialista não gostam! Não são todos!

Foram portos, aeroportos, vias de comunicação terrestre, escolas, um quase sem fim de empreendimentos ... Foi tal o volume de obras que a então oposição socialista apelidou-nos de "Governos do betão".

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, e Srs. Membros do Governo:

Se me permitem eu também queria chamar nomes a este Governo, e o que me ocorre neste momento e em consequência da sua acção, ou melhor, da falta dela, posso apelidá-lo de "Governo Sombra". Governo sombra porque tem todas as características daqueles "gabinetes" que os partidos constituem durante as campanhas eleitorais.

Pelos vistos o Partido Socialista que já é Governo, mas não governa, continua a proceder como se de um qualquer gabinete sombra se tratasse. Para bem dos Açorianos sugerimos ao PS que dissolva este gabinete que continua a ser de facto uma sombra das promessas eleitorais.

Face a tudo isto tenho que relembrar a V.Exas. alguns dos problemas que mais nos afligem e cujas soluções tardam em chegar.

O Bairro "Na Senhora de Fátima", em Santa Cruz das Flores, um dos maiores da Ilha, cuja conclusão, sobretudo a iluminação pública, é quase inexistente, (apenas 5 % dos postes acendem durante a noite), tarda em ser remodelado, apesar das promessas do Governo Regional na sua última visita à ilha das Flores.

A iluminação da pista do aeroporto das Flores, empreendimento há muito prometido e de capital importância na operação de aeronaves, continua pelos vistos na gaveta.

Quantas e quantas vezes se verificam melhorias atmosféricas depois do pôr-do-Sol ?

O que acontece porém nestas circunstâncias é que a vinda da SATA às Flores, já foi cancelada.

E a ampliação da Escola Básica Integrada das Flores? Será que se espera que esta "rebente pelas costuras", com excesso de população estudantil, ou que mesmo venha a ruir, o que já acontece com alguns dos seus espaços, para depois então se agir?

Foram gastos no posto Meteorológico sessenta e cinco mil contos, só para efectuar o seu derrube e terraplanagem do local onde estava instalado?

A ser assim, foi de facto um empreendimento avultado.

A sua reconstrução vai ocorrer, segundo informações do Sr. Senhor Secretário Regional da Habitação e Equipamentos, no Monte das Cruzes.

Quando, em que sítio e que destino lhe vão dar Sr. Secretário Regional?

O Porto das Poças está a ser sujeito a algumas obras de reparação. Porque não aproveitar a oportunidade para ampliá-lo, dotando-o de maior e melhor operacionalidade? Quero deixar o alerta para as obras que estão em curso e pelo que apuramos, no respectivo projecto não estão previstas instalações sanitárias pelo que ainda vamos a tempo de colmatar esta grave lacuna.

Dos portos de Ponta Delgada, Porto Velho e das Lajes, a conclusão a que chego é que tudo certamente vai continuar como está. Será que este Governo pretende dificultar ainda mais a vida aos pescadores da Ilha das Flores?

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados e Srs. Membros do Governo:

Já é fastidioso, porém é inevitável voltar a falar da saúde que na Ilha das Flores, em nossa opinião está enferma: são as análises que continuam a não serem feitas na ilha por falta de equipamento; é a raridade na deslocação de especialistas às Flores; são os obstáculos muitas vezes colocados à saída de doentes; são problemas com os equipamentos de estomatologia ... e ficamos por aqui.

Registo com agrado a evolução da obra do Matadouro. Nós no PSD também sabemos ver e quando é caso publicamente reconhecemos as poucas coisas boas que este Governo faz.

Outra situação preocupante é a que diz respeito à ETAR que actualmente serve a Fábrica de Lacticínios. A funcionar nestes moldes, é tal a poluição que, certamente, vai obrigar, a curto prazo, a evacuar a população da zona circunvizinha, chegando-se mesmo a proibir a circulação de pessoas e veículos naquela zona.

Lembro aos Srs. Deputados que as águas poluídas saídas desta ETAR percorrem cerca de 3 quilómetros, a "céu aberto".

Quero também deixar, em jeito de preocupação, uma pergunta ao Senhor Secretário Regional da tutela: já está previsto o que fazer com as águas também poluídas do futuro matadouro ?

Estes foram apenas alguns dos problemas que afligem os florentinos.

Continuarei, daqui, a insistir na resolução destes e dos outros problemas sempre com o firme propósito de servir a minha ilha e as suas gentes.

Muito obrigado.

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Deputado João Greves.

**Deputado João Greves (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

É pena não estar aqui o Sr. Secretário da tutela.

Queria deixar algumas reflexões aqui a esta Câmara.

Ouvi com alguma atenção a intervenção do Sr. Deputado José Francisco onde a certa altura ele diz que a saúde está doente. Desta enfermidade também padece um pouco a saúde no Corvo e até não vou começar por um problema que já foi levantado aqui há anos, tanto pelo Deputado do PS como do PSD da bancada de então. Não vou por esse caminho, mas vou referir alguns aspectos que são de grande necessidade na saúde do Corvo. Começo pelas tão apregoadas visitas de especialidade, que quase se resumiram em promessas. Senão vejamos:

- Em estomatologia recebemos a primeira visita em Maio de 98, a segunda em Junho de 98, a terceira, talvez em Julho de 98. E em especialidades ficamos por aí. Até hoje não houve mais nenhuma especialidade que fosse ao Corvo.

Isto é uma reflexão que queria deixar a esta Câmara, pois eu acho que os Corvinos têm todo o direito à saúde como qualquer outro cidadão.



Mas o caso mais grave é que até há pouco tempo atrás o médico que lá presta serviço teve de se ausentar, por qualquer motivo que não me interessa, e não houve nenhum médico que o substituísse na sua ausência.

Deixo estas reflexões a esta Câmara para que alguém seja portador delas ao Sr. Secretário da tutela.

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Oliveira.

**Deputado Francisco Oliveira (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

A tourada à corda desempenha um papel verdadeiramente específico no mundo rural da Ilha Terceira.

Valores tradicionais, com centenas de anos de história, trazem os terceirenses apaixonados pelo colorido da festa brava à sua maneira, isto é, pelo encanto e magia que envolvem o ambiente dum tourada à corda.

Temos de admitir que, há algumas dezenas de anos elas tinham outro encanto; é o nosso testemunho. O ambiente que as rodeava era diferente.

Antes da existência em profusão do veículo automóvel, os touros chegavam do mato a pé acompanhados de vacas bravas e eram conduzidos até ao touril, previamente tapado pelos mordomos da festa desde a véspera.

Desafiemos a imaginação, e coloquemo-nos umas dezenas de anos atrás, para apreciarmos *in loco* esta corrida:

“Pelo touril passam os entendidos de touros à medida que chegam ao arraial. É uma visita obrigatória. Saber que touros vão correr, discutir a qualidade das cordas *dadas* quando se trata de touros corridos ou a qualidade dos progenitores de algum gueixo puro.

O mote fica dado para o conteúdo de muitas conversas e discussões, pois o ser-se Albino ou Parreira, equivale a ser-se do Sporting ou do Benfica entre alfacinhas. É a sério!

Como o calor de verão gera sede, lá se vão dirigindo para as tascas, dando preferência às já conhecidas ou àquelas cujo petisco e qualidade do vinho de cheiro impõem as suas leis.

Duas horas antes da corrida ter início, já o arraial vai ficando composto de gente, apesar das deslocações se fazerem a pé, de bicicleta, a cavalo ou de carroça e só esporadicamente de camioneta, a uma freguesia mais distante, para ver uma tourada de fama.

Por isso, regra geral, cada um só vê touros nas freguesias mais próximas e na sua própria freguesia.

Os palanques vão-se compondo com o colorido dos vestidos das mulheres, os rostos gaiatos e lindos, lindos, das raparigas, cujos olhos reluzentes e irrequietos só repousam quando observam o namorado ao longe, ou quando se vão quedando sobre o *escolhido* naquela mesma tarde.

É, sem sombra de dúvida o sítio onde a grande maioria dos namoros se iniciam.

É também mais fácil para as mães aperceberem-se desde o início se a escolha da filha é pacífica ou não.

*(Risos dos Deputados Mark Marques e Duarte Freitas )*

Nada lhes escapa nesse aspecto, para desespero de muitos jovens, que por vezes lá vão em grupo à tasca ganhar coragem para enfrentarem alguma *sogra* menos condescendente.

*(Risos da Câmara)*

Os vendedores ambulantes com os seus pregões, cestos atestados de amendoim, favas e milho torrado, a que se acrescentam *gamas* e chocolates, fazem as delícias da miudagem e de quem está nos palanques ou janelas. Os *ora mais, mais e é p'ra viagem*, misturam-se com o gargalhar dos jovens, as conversas dos adultos e os gritos da miudagem, emprestando ao ambiente aquele murmúrio especial, que *embebeda* mais do que o vinho.

É a altura em que estraleja o primeiro foguete, sinal de que os pastores vão principiar a mexer com o gado. É também o momento dos mais velhos procurarem um lugar numa parede ou atrás dos palanques, onde melhor possam ver o touro. Alguns

quedam-se pela entrada das tascas cujas portas com tabuões ao alto servirão de refúgio quando o touro passa. Perigoso, quando são muitos a querer entrar ao mesmo tempo...

Ao segundo foguete o touro está na gaiola para ser embolado e amarrado pelo pescoço com a corda que há-de ser controlada pelos pastores, que chegaram do almoço servido em casa dum dos mordomos.

Todos sabem que quando o terceiro foguete estralejar a porta se abrirá para o touro sair. As deslocações mais apressadas para os extremos do arraial ou subidas para os sítios ainda desocupados nas paredes, são o sinal de que o momento da verdade se aproxima.

Numa corrida a preceito, o primeiro touro tem de ser de confiança. Tem que dar o sinal do tipo de tourada a que vamos assistir. O ponto forte, cuja defesa é entregue ao touro de maior fama, é o terceiro lugar. O segundo será mais ou menos, e o ideal é fechar com um gueixo puro, filho de touro com pergaminhos.

O primeiro touro sai num turbilhão, esbaforido, raivoso, levanta a cabeça e investe duro, contra o primeiro vulto que tem pela frente. Encontra o vazio. Segura-se firme nas patas e rodopia na procura do que, tem a certeza, estava ali. E na verdade está lá! Investe ainda com maior rancor, por vezes com um berro cavernoso a anunciar o inconformismo. Novamente o vazio... O touro não sabe, mas ali esteve de facto, o José Pereira dos Altares, ou o Dimas de Santa Bárbara. A sós. Nada nas mãos; só o próprio corpo requebrando-se à passagem da fera. Momentos de suprema frisson. É que aquele touro tem experiência. Já *deu* várias cordas. Todos sabem que se ele apanha o capinha, será muito difícil este de lá sair... As estradas não escorregam. São de pedra e terra.

Quem assiste a isto, não mais esquece.

Mais abaixo é o Chinelo que de joelhos, no meio do caminho, espera o touro com o guarda sol. Dá-lhe o segundo passe ainda de joelhos, mas é de pé que ele é artista. Sete e mais passos seguidos. Sózinho com o seu guarda sol. Sem ajudas.

De seguida é o Mal-Casado que o chama; leva o touro atrás de si algum tempo fixado na samarra que arrasta pelo chão e quando se sente apertado, flecte aquelas pernas

que parecem molas e fica em cima do palanque mais próximo. Oh! quantos recordes de salto e corrida se bateram nesta altura...

Entretanto os 5 pastores do nó da corda dão a pancada. A corda estica de tal forma que eles vão à frente com o impulso. Seguram finalmente o touro para que este não ultrapasse os riscos do extremo do arraial.

Faz ele agora o percurso inverso, mais calmo, mais perigoso. Não deixa um único vulto ficar atrás. Mira as paredes; estica o pescoço tentando trazer abaixo, homens que estão trepando. De repente, eh touro! um mais atrevido em frente à porta de uma tasca vem ao meio do caminho citá-lo. O touro fica atónito com o atrevimento; levanta a córnea e arranca célere, não dando tempo para nada. Já junto ao tabuão levanta-o no ar, projectando-o para a frente. Não se importa com os gritos estridentes que vêm dos palanques nem com o som cavo das vozes no caminho e dentro da tasca, aflitas: puxa a corda! puxa a corda! Investe novamente e com dois toques envia-o para junto da valeta. Fica dependurado na corda, num esforço supremo para consumir a investida, mas os pastores do meio, comandados pelo António Patrício, não deixam avançar nem mais um palmo. Homens mais afoitos levantam no ar o homem que jaz no chão e levam-no para sítio seguro até que chegue a ambulância.

A partir daquele momento, já só os maiores artistas se atrevem a enfrentá-lo. A sua fama aumentou. É mau deveras. É um bom touro. Na próxima corrida deve ser metido em terceiro.

O estralejar de dois foguetes de uma peça, anuncia a recolha do touro. Tornou-se o tema de todas as conversas entre os homens. As mulheres nos palanques, procuram inteirar-se da situação do indivíduo em quem o touro pegou. Suspiros de alívio ao saber-se que não morreu.

As conversas nas touradas não são só sobre touros. Encontram-se pessoas de muitas freguesias. Fala-se de inúmeras questões, com maior incidência daquelas relacionadas com a lavoura, pois a grande maioria vive dessa ocupação. Aproveitam-se as diferentes épocas do ano para se acertarem os preços de alguns produtos: nos Biscoitos, o preço do vinho para os bodos; nas Lajes, o preço das *atreçoaduras* para as terras... Além disso, cada um aproveita para encomendar em cada freguesia o

que de específico ali se faz: a sebe de vimes para o carro; os *amanhos* de trabalhar as terras; os arreios para a carroça; os barris para o vinho, etc.

As conversas continuam durante uma visita à tasca onde se ouve a saída do segundo touro e por vezes a sua recolha. É sempre o touro mais fraco da corrida. O terceiro mostrou merecer a fama que o precedia. Touro firme, mau. *Dará* ainda muitas cordas para alegria do ganadeiro e de todos os aficcionados. Já está falado para três freguesias ainda este ano. O último foi um gueixo puro, bravo como uma fera, filho do *Descornado*.

O estralejar de foguetes anuncia o fim desta corrida que deixou todos satisfeitos, até aquele que no hospital está moído como papas, tem um braço partido, mas dá graças a Deus por estar vivo.

Amanhã há que levantar às 4 da madrugada porque é necessário ceifar o cerrado dos 3 cantos antes de ir para os touros...”

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

**Estávamos de facto, uns bons anos lá atrás. Voltemos a 1999.**

Muitas coisas se alteraram em relação ao ambiente de uma tourada à corda.

Os touros já não vão a pé para as freguesias. Fazem o percurso numa camioneta, em gaiolas. Em contrapartida, a ida ao mato de manhã é muito agradável. Cada um leva o farnel para a família e convidados e dirigem-se para o *tentadero* do ganadeiro daquele dia. Lá se correm umas vacas. É o princípio da festa. Depois o cortejo até à freguesia duas horas antes do início da corrida que agora é às 18 horas.

O povo já não vai tão cedo para os touros. É na última meia hora que o arraial se compõe, regra geral. O touril já não existe a não ser no Porto Martins. É a exceção.

As touradas inseridas nas festas de Verão de cada freguesia, desempenham um papel importante sob o ponto de vista económico na Ilha, com uma grande incidência no movimento das tascas, que são em maior número. Aos vendedores ambulantes juntam-se agora os homens dos gelados. O meio de transporte é o automóvel. Pode ir-se a quase todas as touradas. É tudo tão perto. Pelo menos às mais afamadas, ninguém falta.

O colorido dos palanques e das janelas é o mesmo e a graça das raparigas não diminuiu. Poderá já não se iniciarem namoros nas touradas, mas vislumbram-se caras muito lindas, coroando corpinhos de sonho...

As estradas são todas asfaltadas. Pior para o touro. Se não tiver mesmo temperamento, à primeira ou segunda queda esmorece e deixa de investir. Melhor para os capinhas que já pouco têm de correr e se tornam cada vez mais e mais afoitos quase não deixando respirar o touro.

Lemos no Diário Insular de 8/Set./96 um trabalho dum grupo de alunos da Secundária de Angra que sugeria areia na estrada. No Continente faz-se isso nas largadas. Aqui não é hábito. Daria muito trabalho e despesa. Mas é uma ideia interessante. Até porque beneficiaria o principal protagonista da festa: o touro.

O touro para estas corridas tem características próprias. Tem de aprender depressa e ser maldoso: ter sentido; tem de possuir codícia, resistência e temperamento; *tem de ir a todas*. Não vai encontrar um toureiro pela frente, mas sim uma dezena ou mais. E isto não se pode regulamentar. Retirava a liberdade de cada um tourear quando quisesse. Matava esta festa.

Isto, apesar de nos parecer que em outros aspectos, a legislação que regulamenta as touradas à corda devesse ter uma maior dignificação. Devia em nosso entender, tomar a forma de Decreto Legislativo Regional.

Mas o importante é salvaguardar o touro. Evitar que erros genéticos lhe exorcizem os demónios ancestrais que traz no corpo e que o fazem ter sempre vontade de investir até ao entrar da gaiola.

Quanto a nós, o expoente do que resta deste temperamento existe no 314 e no 387, o *Calçado*, do José Albino; no 12 do Ezequiel; no 58 de Rego Botelho; no 52 do Filipe Humberto, e no 80, o *Riscado* do Eliseu, entre outros.

É isto que interessa preservar e melhorar.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

As ganaderias nacionais, devido ao melhoramento dos touros de lide estão imbuídas de sangue de castas espanholas.

Os touros de casta portuguesa foram substituídos pela melhor qualidade dos touros de lide oriundos de Espanha, e era dos de casta portuguesa que vinham para a Terceira

touros que ficaram famosos: o *Colosso*, o *Mulato*, e o *Malhinha*, entre outros. Segundo escutámos no Barrete Verde em Alcochete, quem tem ainda touros dessa estirpe é o ganadeiro Vaz Monteiro. Será o único?

O touro de lide tem de ter bravura, ser *nobre*; tem de possuir o poder e suavidade necessários à aplicação do *temple* e *mando* nas sortes de muleta, qualidades estas que não se coadunam de forma alguma com aquilo que deve ser um touro de corda, embora uns e outros possuam algumas características comuns.

É muito bonito assistir à corrida dum gueixo puro do gado da terra, mas faz parte da tourada à corda a presença de touros corridos, que ano após ano vão criando a fama no caminho, dando 20, 30 ou mais corridas. Levou-se séculos a produzir isto. A importação demasiada de reprodutores de touros de lide do Continente, machos ou fêmeas, para uma Ilha onde apenas se correm no máximo 30 touros por ano no redondel, irá fazer com que os excedentes sejam corridos à corda, sem as qualidades que o touro de corda deve possuir, correndo-se ainda o sério risco de degeneração do que ainda existe, o que levará inexoravelmente à descaracterização da festa.

É por isso que a formação duma Associação de Ganadeiros do touro de corda da Ilha Terceira recentemente anunciada pela Secretaria da Agricultura, Pescas e Ambiente, através da Direcção Regional do Desenvolvimento Agrário, e pelos Ganadeiros, merece toda a nossa concordância.

Oxalá que a Associação a ser criada, zele tanto pela defesa intransigente da qualidade do touro de corda, como a Associação Nacional de Ganadeiros zela pela dos touros de lide, conforme se pode comprovar pelos seus estatutos. À Secretaria Regional referida, competiria dar o apoio logístico necessário no âmbito do Melhoramento Animal, ou outros que entendesse por convenientes, tais como colaborar na definição do Padrão a instituir, elaborar legislação adequada à sua defesa, etc., na continuidade duma postura perante esta temática que de forma tão feliz iniciou.

***Que em boa hora tenha sido dado o primeiro passo na defesa do elemento central duma festa, que já não pode deixar de existir entre nós e que inegavelmente contribui para a autenticidade da nossa cultura popular.***

Que o digam o conjunto de deputados de várias Ilhas, que a 1 de Maio de 1998 assistiram à primeira tourada da época na freguesia das Fontinhas.

**Deputado Rui Pedro Ávila (PS):** Eu lá estava!

**O Orador:** Quando menos o esperaríamos, pois até se encontravam no pátio da Sociedade Recreativa, eis que um deles ao olhar para a retaguarda vê o touro a um palmo das suas costas, seguro pela corda, língua pendurada, tentando desesperadamente *cumprimentar* quem estava à sua frente.

O resultado foi a debandada geral, com um *Peso Pesado* sentindo-se *Pluma*, ao voar por cima de um muro que no regresso levou mais de meia hora a transpor...

*(Risos da bancada do PS e do PSD)*

Ao regressarem ao pátio da Sociedade, vinham todos eles mais destemidos, com algum *salero* e mais *mando*, com mais coragem e maior altivez....

*Vinham mais terceirenses!*

Quem quiser ver como é, fica desde já convidado para o próximo dia 1 de Maio. Lá estaremos à espera.

Disse.

*(Aplausos da Câmara)*

**Presidente:** Quero informar a Câmara que temos a assistir aos nossos trabalhos um grupo de estudantes de Direito, da Ilha Graciosa, acompanhados da respectiva professora. Em nome da Assembleia saúdo a todos.

*(Aplausos da Câmara)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Valadão.

**Deputado Jorge Valadão (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Francisco Oliveira:

Eu levantei-me com a intenção expressa de felicitá-lo pela forma como trouxe, por um lado, de uma forma séria também sabendo brincar com o toiro, como muita gente da nossa terra sabe fazê-lo, agradecendo desde já o convite para o próximo ano, e



lamentando profundamente não ter estado presente este ano, não só para poder partilhar da vossa companhia e de todos aqueles deputados que estiveram presentes nas Fontinhas, mas também para ter tido o gosto de presenciar as aflições que alguns dos nossos colegas aí passaram frente ao toiro.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** E participar!

**O Orador:** Eu quero, por outro lado, manifestar a minha total concordância e realçar a forma tão descritiva que nos parecia estarmos numa tourada, no sentido em que procurou dar uma imagem tão real quanto precisa, quanto pormenorizada, do que é efectivamente uma tourada à corda, que é uma manifestação cultural que tem uma importância de inegável valor nas nossas tradições e nos nossos costumes, mas que a par da importância cultural tem também, como disse e muito bem, uma grande importância económica. Muitas vezes os Terceirenses são acusados de trabalharem pouco, porque gostam mais das touradas do que do trabalho.

**Deputado Fernando Menezes (PS):** Agora cá!

*(Risos da Câmara)*

**O Orador:** Há sim, e como disse muito bem, muitas vezes o gosto pelo touro e é feito com sacrifício nas horas de descanso. É feito muitas vezes com necessidade de levantar cedo para trabalhar mais cedo...

**Deputado Rui Pedro Ávila (PS):** É verdade! Viver a vida!

**O Orador:** ...para poder estar presente nessa manifestação cultural. Mas eu também quero aqui dizer uma coisa que me parece importante e que de algum modo o Sr. Deputado aí referiu. É que a tourada à corda, a par de ser uma manifestação cultural, a par da importância económica de que se reveste, e é importante aqui referir conforme também o disse, além do movimento que as tascas e os comerciantes tem naquelas freguesias, há também muitos negócios que se fazem no decurso das corridas, mas eu acho que há também uma questão que, na minha perspectiva, me parece extraordinariamente importante na tourada à corda. Eu considero o Terceirense, sem menosprezo por qualquer outro açoriano, uma pessoa extraordinariamente bem informada. Eu penso que o carácter reivindicativo do

Terceirense resulta muito da informação que circula, e a tourada à corda é, acima de tudo, um meio e uma forma em que das pessoas das diversas freguesias convivem, não estão encerradas no seu gueto e a informação circula.

A opinião faz-se e muita vez a reivindicação cria-se, do diálogo, de troca de impressões, da troca de opiniões que muitas vezes se fazem na tourada.

Por todas estas razões penso que a tourada à corda tem, de facto, importância de inegável valor, conforme aqui referiu, não só de natureza cultural, económica, mas também e acima de tudo na formação da própria pessoa e do Terceirense em especial. Tendo em conta, aquilo que aqui também transmitiu da defesa, acima de tudo, do touro, que no fundo é apanágio dos terceirenses, que tem um amor pelo touro, é importante essa iniciativa que está em embrião e que tem a ver com aquilo que aqui referiu, relativamente e essa associação. Relativamente a isso, acho que é uma iniciativa que deve merecer o nosso aplauso, o nosso registo e, acima de tudo, esperarmos que tenha algum êxito e sucesso. De maneira que era minha intenção associar-me a essa brilhante intervenção e felicitá-lo pela mesma.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Brasil:

**Deputado Manuel Brasil (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu gostaria de felicitar o Sr. Deputado Francisco Oliveira pelo bonito retrato etnográfico que nos trouxe da tourada na ilha Terceira, mas gostaria de dizer também a esta Câmara que em S. Jorge também existem touradas e que a actual legislação que existe não está adaptada ao enquadramento das touradas em S. Jorge. Por isso teria sido também útil que V. Ex<sup>a</sup>. tivesse abordado mais em pormenor a questão da legislação taurina que temos na Região, para a tourada à corda, e, portanto, que todos façamos aqui um voto para que essa legislação muito brevemente seja alterada e possa realmente servir ilhas a onde se pratica a tourada à corda, como S. Jorge, Graciosa e não só a Terceira,...

**Deputado António Meneses (PSD):** E o Pico!

**O Orador:** ...porque a Terceira tem outro condicionalismo do tipo tourada à corda que não tem S. Jorge e Graciosa.

É pena que não esteja cá o Sr. Secretário Regional da tutela, porque se estivesse, deixava-lhe ficar já esse recado. Espero que ele seja entregue através do Sr. Deputado Francisco Oliveira e que depois todos nós nos sentemos acerca desse documento para fazer coisa melhor.

**Presidente:** Para participar no debate tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Caro Deputado Francisco Oliveira:

Queria felicitá-lo pela brilhante forma literária como descreveu a festa brava na Ilha Terceira. A reacção da Câmara foi elucidativa e como os depoimentos aqui feitos, nomeadamente pelos terceirenses, que já aqui usaram da palavra. Julgo que todos nós nos sentimos muito honrados e muito bem retratados nesta abordagem.

Gostaria de fazer aqui uma pequena correcção ao meu ilustre companheiro deputado Jorge Valadão. Eu julgo que a festa brava na nossa ilha não é só vivida pelos terceirenses. Julgo que todos os açorianos que tem o dom de viverem na Terceira passam por essa festa que está no sangue de todos nós. Temos que rever, de facto, o que é que impede que a festa brava se instale noutras ilhas. Será, sobretudo, pelo facto de nalgumas das outras ilhas da Região as pessoas não quererem trabalhar muito, porque se eles, de facto, trabalhassem tanto como os terceirenses trabalham, tinham tempo para ganhar a vida e para ir à festa.

*(Risos da Câmara)*

**O Orador:** Quando eles vão para a Terceira, como a economia está muito bem organizada, e a disposição para o trabalho é ilimitada, é óbvio que dá tempo para ir à festa e para trabalhar. É um pequeno aspecto que eu queria discordar do Deputado Jorge Valadão.

Voltando à parte séria e importante da matéria que foi aqui trazida, é óbvio que essa Associação de Ganaderos pode e deve ser um passo importante para que essa matéria específica deixe de ter o tratamento como aqui foi dito, enfim, até às vezes fanático e

incompatível entre as diversas partes envolvidas, e que, pelo menos, da parte dos produtores passe a haver uma voz única e uma defesa integrada dos seus interesses.

Queria também aqui politicamente associar a disponibilidade do Grupo Parlamentar do Partido Popular para não só se avançar na valorização do enquadramento legal do fenómeno da tauromaquia nos Açores tendo presente as observações feitas pelo Deputado Brasil, não aconteceu em relação à Graciosa, mas certamente que haverá um deputado graciosense que, eventualmente, também partilhe de alguns aspectos específicos em relação àquela ilha e finalmente deixar aqui um alerta de que nos parece urgente na protecção do toiro da terra, na raça típica, genuína da nossa terra, porque aí o Deputado Francisco Oliveira deixou isso muito claro.

O que está acontecendo a nível da evolução das ganadarias pode ser preocupante sob o ponto de vista da manutenção da pureza do toirinho da Terceira que, de facto, merece toda a protecção, porque sem ele as touradas não têm a eficácia e o êxito que todos exigem, e oxalá que a própria sensibilidade que a Direcção Regional do Desenvolvimento Agrário demonstrou já publicamente, face a esta iniciativa, se traduza em tempo oportuno, em algo de concreto que possa vir a passar por este Parlamento e no qual nos possamos todos empenhar.

Muito obrigado.

**Presidente:** Para participar no debate tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Oliveira.

**Deputado Francisco Oliveira (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar agradecer as palavras amáveis dos Srs. Deputados que intervieram, e em segundo lugar para dizer o seguinte: a minha intervenção, isto de uma forma especial para o Sr. Deputado Manuel Brasil, não teve muito a ver com a regulamentação da tourada em si como espectáculo. Nesse está a ser preparado uma intervenção, uma alteração bastante profunda a nível do Governo. Sei disso, porque já tive oportunidade também de dar algumas sugestões nessa matéria e sei de grupos de trabalho, incluindo os ganaderos, que as têm dado. Portanto, a tourada, como espectáculo, está situada noutra área. Há, de facto, algumas questões a alterar. O que eu sugeri foi apenas que se transformasse essa lei em decreto legislativo regional,

podendo eventualmente ser regulamentado numa forma mais específica, a seguir. Se era em termos de regulamentação da tourada em si, de facto a intervenção não se baseou nela.

Quanto à salvaguarda da casta do touro de corda, eu não sei concretamente, e disso me penitencio, a intervenção teve, de facto, a ideia de ser baseada única e simplesmente no que se passa na ilha Terceira. As condições de São Jorge, eu não sei bem como é que os reprodutores lá vão ter, não sei se correm o risco que existe na Terceira, da importação por vezes massiva de reprodutores do continente é, de facto, um perigo para a existência e futuro do touro de corda, mas se existe esse perigo acho que também, deve ser salvaguardado da mesma forma, porque o povo de São Jorge já deu mostras de gostar deste tipo de divertimento.

Quanto ao Sr. Deputado Jorge Valadão, concordo inteiramente com a referência que faz às conversas, aliás, refiro isso na minha intervenção. Situo mais essas conversas no campo da lavoura e nas encomendas que se fazem, porque, de facto, e onde eu quis situar a tourada numas décadas atrás, onde havia mais incidência de gente ligada à lavoura, mas evidentemente que isso serve para todo o tipo de assuntos que interessem à população, de uma forma comum, concordo consigo. É uma das questões até mais importantes que se verificam hoje em dia durante uma tourada. É a passagem de testemunho, a passagem da informação, o que faz com que toda a ilha saiba quase simultaneamente daquilo que se vai passando em qualquer sector de actividade.

Era só! Obrigado.

**Presidente:** Para participar no debate tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Brasil.

**Deputado Manuel Brasil (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Quando referi concretamente o caso da legislação, que não é adequada à presente tourada em São Jorge, isto porque se trata de processos diferentes de angariar fundos para as touradas, como são diferentes, há problemas que se chocam, como são os horários estabelecidos, a hora a partir da qual se faz a tourada, etc..

Penso que toda esta situação tem que ter um enquadramento legal diferente, visto que a tourada tem que ser acompanhada pela polícia, estando limitada àquilo que está estabelecido na lei.

Por outro lado, penso que é urgente que este enquadramento se faça antes do próximo Verão, porque fundamentalmente nos últimos anos tem prejudicado seriamente a tourada à corda em São Jorge.

Uma outra referência em relação ao touro da terra, quanto eu sei, ao touro regional, chamemos-lhe assim, os dois ganadeiros que existem em São Jorge, os toiros que eles têm são de proveniência do toiro terceirense. Portanto, não tem havido aqui mercenarização de sangue com touros vindos de ganadarias do continente ou até da Espanha.

**Presidente:** Para participar no debate tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Serpa.

**Deputado Manuel Serpa (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Na sequência das palavras do Sr. Deputado Alvarino Pinheiro gostaria de dizer que as touradas também chegaram ao Pico. Chegaram ao Pico e de que maneira.

Gostaria de dizer, mais por razões históricas, todos nós sabemos que a conhecida Ponta da Ilha, ou seja, freguesias como a Piedade, tiveram através dos anos mais relações com a Terceira do que com o Faial. Naturalmente era difícil o acesso por caminhos para o lado da Madalena, e por barco era mais fácil ir a São Jorge e à Terceira. Estabeleceu-se relações culturais e sociais entre a Ponta da Ilha e a Terceira. O exemplo disso são ainda, por exemplo, algumas danças de Carnaval que se fazem na Piedade e que não tem paralelo noutras freguesias do Pico. Há uma série de ligações profundas, que os barcos do Pico conseguiram, de facto, nos laços de ligações económicas e sociais com a ilha Terceira. É nesse sentido que a partir precisamente desse centro, ou da chamada Ponta da Ilha, se começaram a fazer touradas no Pico, que se estendem a muitas freguesias e a muitas festas com o mesmo entusiasmo, embora sem a litúrgia que tem uma tourada feita na Terceira.

Mas eu queria chamar a atenção, com este preâmbulozito só para dizer o seguinte: eu sei que é intenção da futura organização a criar na Terceira, convidar os criadores de gado das outras ilhas para participarem em algumas reuniões, porque o que se

conseguir nessa Associação beneficiará com certeza também os criadores das outras ilhas.

**Deputado António Meneses (PSD):** *Muito bem!*

**Presidente:** Para prestar um esclarecimento tem a palavra o Sr. Secretário Regional Adjunto da Presidência.

**Secretário Regional Adjunto da Presidência (Francisco Coelho):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

É apenas um pequeno esclarecimento também na sequência da intervenção do Sr. Deputado Manuel Brasil.

Relativamente à legislação que actualmente rege as touradas à corda, ao seu licenciamento, aos seus horários, etc., matéria essa intimamente ligada e cujas competências primárias pertencem às Câmaras Municipais, há ainda um trabalho preparatório e técnico e de audição, nomeadamente das Câmaras Municipais e de ganaderos, que está sendo feito, quer pelo departamento da tutela, directamente, quer também pelo departamento que tutela as autarquias locais. Nesse trabalho, que ainda está numa fase preparatória, está-se exactamente a ter em conta alguns dos problemas que o Sr. Deputado referiu, de horários, de autorizações, etc.. Logo que esse trabalho esteja numa fase mais consistente e de decisão, ela, naturalmente, terá de assumir a forma de medida legislativa e passará por esta Assembleia.

Foi só para dar conta de que em termos preparatórios alguma coisa já está a ser feita no sentido de alterar a actual legislação.

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado João Greves.

**Deputado João Greves (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados e Srs. Membros do Governo:

Se é certo que os Corvinos podem ser exemplo de tenacidade, apego à terra e capacidade de sobrevivência, também todos sabemos que tudo tem limites, porque agora o Corvo pode estar à beira de um drama.

É verdade! Para além dos graves problemas que afectam aquela ilha, muitos dos quais aqui já levantei, hoje estamos confrontados com mais um grande problema, porque a mãe natureza às vezes também se nos revela madrasta e nos impõe condições adversas; uma delas passa pela falta de água.

Como todos se recordam, o último Verão foi excepcionalmente quente e a chuva escasseou.

A ilha do Corvo, pequena e com poucas nascentes foi gravemente afectada e a população teve carência de água no dito Verão; a recolha feita nos reservatórios, durante os cortes, só permitia o abastecimento durante menos de meia hora, nalgumas partes da vila.

As fortes chuvadas, que caírem no Outono passado, para além dos estragos que deram, despiram uma grande parte dos musgões que existiam nos pontos mais altos da ilha, porque nessa altura do ano estavam muito secos e sem aderência ao solo.

Agora, com a falta deste, a retenção de água para se infiltrar nas nascentes é muito mais pequena, porque quando chove, dado o grande declive do terreno e a sua textura muito compacta, a água rapidamente escorre para o mar e as nascentes não aumentam o seu caudal.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A Câmara Municipal do Corvo tem-se mostrado preocupada com este grave problema, que pode ser catastrófico.

O Governo Regional também tem que se preocupar com este assunto.

As almas que vivem no Corvo são açorianas como os demais e se é certo que o Governo Regional, em matérias importantes, frequentemente se esquece dos que ali vivem, num assunto tão importante como a água, este esquecimento seria imperdoável.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Estamos perante um problema gravíssimo, com graves consequências sociais e económicas para a ilha do Corvo, porque não afecta apenas os residentes, como quantos visitam a ilha, sendo também um "cartaz" muito negativo para o turismo.

Trata-se de um problema que em muito ultrapassa a capacidade do Município do Corvo e que merece ser olhado como um problema regional dos Açores, porque há que evitar que a ilha do Corvo, para além do quanto lhe falta, ainda tenha de viver com a miséria de uns metros cúbicos de água importada de barco.

E se olharmos a regularidade dos transportes, então os corvinos poderiam morrer de sede e de desespero de tanto esperar.



**Presidente:** Para participar no debate tem a palavra o Sr. Secretário Adjunto da Presidência.

**Secretário Regional Adjunto da Presidência** (*Francisco Coelho*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Deputado João Greves:

Apenas para prestar um pequeno esclarecimento à Câmara e para dizer que o Governo Regional já tem conhecimento deste problema e atrever-me-ia mesmo a dizer que tenho conhecimento do problema, já que de água falamos, pela fonte, ou seja, nós temos conhecimento do problema da fonte e por quem está em primeira linha, e está a resolvê-lo, que é o Sr. Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova do Corvo. Há um pedido formal ao abrigo do Programa PEDRAA feito pela Câmara Municipal de Vila Nova do Corvo que já deu entrada no Governo Regional. Este projecto vai ser devidamente analisado e equacionado. Há, evidentemente, alguns problemas nomeadamente de ordem técnica e financeira e como V.Ex<sup>a</sup>. Sr. Deputado também deve saber, o que também é bom sinal, a Câmara Municipal do Corvo teve uma boa execução financeira do plafond que lhe estava atribuído em termos do PEDRAA II que se encontra neste momento praticamente esgotado. Apesar disso, o problema está sendo estudado. Tive oportunidade, ainda recentemente, à dois ou três dias, pelo telefone, de falar com o Sr. Presidente da Câmara de Vila Nova do Corvo e neste problema, como em muitos outros e a posição do Governo Regional dos Açores, relativamente ao Corvo, como a qualquer parcela da Região, é a mesma e com a mesma consciência que este Governo tem de que nunca se investiu tanto em tão pouco tempo na ilha do Corvo. Continuamos atentos a todos os problemas sérios que digam respeito à ilha do Corvo.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Rui Ávila.

**Deputado Rui Pedro Ávila** (*PS*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado João Greves:

Como é sabido da parte de V.Ex<sup>a</sup>. houve um grupo de Deputados do Partido Socialista, pela simples circunstância, que é assumida por nós com toda a humildade e respeito para com os corvinos, que estiveram naquela ilha, reuniram com as forças vivas, tiveram com o Sr. Presidente da Câmara, e quanto a essa questão, que nós

também sentimos durante essa semana que lá estivemos, da falta de água, e tal como disse o Sr. Secretário, só quero é corroborar com aquilo que ele está dizendo, é um problema que acima de tudo compete à Câmara Municipal. O Sr. Presidente da Câmara estava preocupado, tinha feito o seu projecto para os depósitos, nós disponibilizámos todo o nosso empenhamento, já falámos com a Secretaria da tutela no que respeita ao PEDRAA II e é uma questão de plafond, como disse o Sr. Secretário. Portanto, da nossa parte o processo, permita-me Sr. Deputado, não foi bem colocado. Nós percebemos a premência que V.Ex<sup>a</sup>. deve sentir como corvino que lá vive, mas o processo é um processo que deve ser conduzido, e nós sabemos que está sendo pelo Município. Depois a unidade de gestão do PEDRRA, dentro dos plafonds, com certeza que não deixará de lhes dar cobertura, mas esse assunto tem que ser visto ao contrário, não como V. Ex<sup>a</sup>. o quis deixar aí, e só por essa razão é que eu quis deixar claro que da nossa parte o assunto tem sido acompanhado.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado João Greves.

**Deputado João Greves (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Começo por responder ao Sr. Secretário. Congratulo-me com as suas palavras em dizer que o Governo está empenhado na solução destes problemas. É um dever e devem compreender que o Município do Corvo sozinho não consegue fazer face a um empreendimento daqueles. É para isso que os Srs. são Governo. É para isso que os Srs. estão aí.

Quanto ao Sr. Deputado Rui Pedro Ávila, ele diz que o problema é única e exclusivamente da Câmara. Acho que o problema não é só da Câmara. A Câmara e o Governo têm que estar unidos e tentar resolver este grave problema, pois temos o Verão quase à porta e a falta de água pode-se tornar um flagelo para aquela ilha. Por isso temos que encontrar a melhor solução.

**Presidente:** Vamos voltar às intervenções. Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Faleceu em Lisboa no passado dia 19 de Fevereiro, Octávio Floriano Rodrigues Pato, dirigente nacional do Partido Comunista Português.

Ligado desde a juventude à resistência ao fascismo cedo ingressou no PCP e nele actuou na clandestinidade dezenas de anos.

Foi fundador e dirigente do MUD - Juvenil (Movimento de Unidade Democrática Juvenil) organização que desempenhou activo papel na resistência antifascista no pós-guerra.

Preso e barbaramente torturado pela PIDE em 1961 recusou-se sempre a responder a quaisquer perguntas. Libertado em 1970, após um grande movimento de solidariedade, voltou à luta contra o fascismo reassumindo as mais elevadas responsabilidades na organização clandestina do PCP.

Após o 25 de Abril foi eleito Deputado à Assembleia Constituinte, tendo sido Presidente do Grupo Parlamentar do PCP. Foi Deputado à Assembleia da República entre 1976 e 1991. Em 1976 foi candidato à Presidência da República, proposto pelo PCP.

Octávio Pato dedicou quase seis décadas da sua vida à luta contra o fascismo, pela instauração da democracia e pela criação da justiça social, constituindo um inegável exemplo de coerência, firmeza e combatividade.

A actividade política de Octávio Pato, antes e depois do 25 de Abril, ganhou assim notoriedade e teve a maior projecção em todo o País.

A Representação Parlamentar do PCP ao trazer a esta tribuna, embora a traços muito largos, o percurso e o esboço da vida deste homem que fez da sua vida uma luta pela liberdade, pretende, no essencial lembrar que ele pertence à geração de combatentes de várias tendências políticas a quem se deve a criação em 1974 da Democracia.

É necessário que as novas gerações saibam que foi imprescindível ter havido quem se privou de uma vida normal para que possa haver hoje a liberdade que todos prezamos.

É necessário que as novas gerações e também as gerações menos novas saibam que aqueles que associaram e associam a luta pela liberdade à luta pela justiça social souberam encontrar a coerência que lhes ditou sempre o rumo.

Neste ano comemora-se o 25º Aniversário do 25 de Abril.

Nesta Região Autónoma, os Orgãos de Governo Próprio, as Autarquias Locais e muitas associações de todo o tipo saberão comemorar esse evento.

Temos que presumir que todos os que tem assento nesta Casa, por muitas e profundas divergências que tenham entre si, reconhecem que o 25 de Abril de 1974 abriu amplas e largas portas para o futuro.

Dessas "portas que Abril abriu" como disse o Poeta, destacam-se a democracia, o fim da guerra colonial e o Sistema Constitucional da Autonomia.

É com emoção que sublinho e destaco que Octávio Pato ficou e ficará na memória e na História como um dos muitos, de várias tendências, que contribuíram para que essas portas fossem abertas.

Nesta tribuna onde falam os representantes democraticamente eleitos pelos açorianos queria deixar, nessa qualidade, neste ano do 25º Aniversário do 25 de Abril, uma palavra de homenagem a esse lutador agora desaparecido.

Disse.

*(Aplausos da bancada do PS, do Governo e dos Deps. João Greves, José Maria Bairos e Sidónio Bettencourt)*

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado José Ramos Aguiar. Peço ao Partido Social Democrata para o fazer substituir na Mesa.

*(Neste momento o Deputado José Ramos Aguiar é substituído na Mesa da Assembleia Legislativa Regional pelo Deputado Manuel Brasil)*

**Deputado José Ramos Aguiar (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Antes de dar início à minha intervenção, embora o Sr. Presidente já o tenha feito formalmente em nome da Assembleia, gostava de também de em meu nome pessoal e em nome da bancada do Partido Social Democrata de saudar a Turma do 12º. Ano da Escola Integrada da Graciosa que se deslocou por sua iniciativa a esta Assembleia

para assistir aos nossos trabalhos e estabelecer contacto com os diversos Grupos Parlamentares aqui representados.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Quem me conhece minimamente sabe que não gosto, nem tenho feitio, como se diz na minha terra, para falar mal de nada nem de ninguém nem aceito que me critiquem sem que me apresentem alternativas ou sugestões, por isso também não gosto de o fazer em relação aos outros.

Mas hoje, Senhor Presidente, Senhores Deputados e Senhores Membros do Governo, por exigência de consciência e por exigência da população da ilha Graciosa, por unanimidade através dos seus legítimos representantes,....

**Deputado António Meneses (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:**...tenho que aqui protestar veementemente por um mau serviço que agora a SATA Air Açores passou a prestar à ilha Graciosa.

Se qualquer um de nós pegar no horário de Inverno da SATA, que vai até ao dia 27 de Março de 1999, logo está ainda em vigor e homologado pelo Governo Regional, podemos constatar que naquele horário a ilha Graciosa está contemplada com voos todos os dias excepto ao Domingo; e à segunda-feira tínhamos dois voos, um às 10H30M e outro às 16H30M. Até aqui tudo normal e os Graciosenses não faziam grande alarido para terem um voo ao Domingo, como a maioria das outras ilhas, nem mais voos nos outros dias da semana, como também existem para muitas outras ilhas. Mas, infelizmente, os horários a que faço referência enganam quem os consulta, porque a SATA Air Açores e certamente com o conhecimento do Governo Regional alterou esses horários sem que os utilizadores daquele serviço tivessem conhecimento disso. Isto é, retiraram um voo da Segunda-feira.

Devo dizer, com toda a honestidade e frontalidade que, se calhar, na época de Inverno talvez não seja muito necessário dois voos diários para aquela ilha. Mas, Senhor Presidente e Senhores Deputados, retirar o voo das 10H30M da segunda-feira e passar o das 16H30M para as 17H30M é altamente penalizador para todo o povo da minha ilha e para quem lá escolheu viver ou se desloca em serviço ou apenas em férias.

Dou-vos alguns exemplos que provam o que acabo de dizer: a Mesa desta Assembleia reuniu segunda-feira passada às 6 horas da tarde! Eu para estar presente nessa reunião tinha que sair da minha terra no sábado às 13H30M, porque não tenho voo ao Domingo, logo ficava toda a tarde de sábado, todo o domingo e quase toda a segunda-feira, sem nada fazer e a gastar dinheiro público. Mas também devo dizer com toda a frontalidade que os Deputados são aqueles que menos me preocupam, pois estão a prestar um serviço para o qual devem estar disponíveis e estão pagos para o efeito.

**Deputado Mark Marques (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Aqueles que realmente me preocupam são por exemplo os doentes da ilha Graciosa que para terem uma consulta à segunda-feira na Ilha Terceira ou em qualquer outra ilha onde haja cuidados médicos diferenciados, têm que sair da sua casa no sábado e esses sim, para além da sua condição já debilitada, tem que gastar do seu dinheiro, muitas vezes sem o ter, e ficam ausentes das suas famílias por períodos de tempo superiores ao necessário; para além destes também outra situação que me parece de interesse referir são os funcionários públicos e dum modo particular os professores que estão naquela ilha e não são de lá, pois muitas vezes aproveitavam alguns fins de semana para visitar os seus familiares, tendo a certeza que voltavam na segunda-feira de manhã e assim não perdiam o seu dia de trabalho, agora são forçados a não sair ou então terão de justificar um dia de falta, o que me parece muito injusto, pois se por um lado estamos sempre a reivindicar mais incentivos para a fixação de técnicos, por outro estamos a dificultar essa mesma colocação.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Por tudo o que atrás referi julgo da mais elementar justiça, e a população da ilha Graciosa exige, por unanimidade, que o Governo Regional e a SATA Air Açores, revejam esta situação e encontrem uma solução adequada, e a solução passa efectivamente por um voo de e para aquela ilha à segunda-feira de manhã ou então, se assim o entenderem, criar um voo ao domingo. Devo ainda reforçar que o voo da segunda-feira para ser justo e servir condignamente os Graciosenses, enquanto não houver voo ao domingo, não deve realizar-se depois das 10H00M da manhã.

Como referi no início da minha intervenção gosto de apresentar sugestões ou alternativas, se em relação a esta questão não o faço mais concretamente é porque não acredito nos papeis onde estão registados os horários da SATA, pois estes não espelham a realidade dos factos.

Muito obrigado.

**Deputado José Maria Bairos (PSD):** *Muito bem!*

*(Aplausos das bancadas do PSD e do PP)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José do Nascimento Ávila.

**Deputado José do Nascimento Ávila (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar quero-me também congratular com a presença de um grupo de graciosas alunas do 12º. Ano da Escola Básica de Santa Cruz da Graciosa. E disse graciosas pela sua graciosidade e não por serem naturais da ilha que as viu nascer. Deslocaram-se propositadamente a esta Assembleia para assistirem aos trabalhos do plenário e contactarem com os serviços desta mesma Casa. Faço votos para que se sintam bem entre nós e espero muito sinceramente que se entusiasmem com os trabalhos desta Assembleia, de forma que criem vontade de virem um dia a ocupar estas cadeiras. A política não é tão má como apregoam. Por vezes acabam por criar condições que as pessoas começam a ter uma certa aversão à política. A política é a arte de tornar possível o desejável, e o desejável é possível quando as pessoas têm boa vontade.

Eu quero responder agora ao Sr. Deputado José Aguiar em relação à intervenção que fez, com a qual estou inteiramente de acordo até porque essas críticas foram também feitas por mim, tendo eu também aderido ao Voto de Protesto que foi apresentado pela Câmara. No entanto, ao saber desta situação entrei em contacto com o Sr. Presidente da SATA, porque é através do diálogo que se resolvem as coisas e o diálogo nunca deve ser esgotado, e ele ao saber da situação prometeu-me que esta situação de não haver voo à segunda-feira da parte da manhã só se iria verificar no dia 22 de Fevereiro. Já aconteceu, com todos os inconvenientes, que até a nós nos

causou, mas isso é de somenos importância. O que interessa são as outras pessoas. Ele disse-me que no dia 15 de Março também não podia de maneira nenhuma ser efectuado da parte da manhã, por motivos incontornáveis. As restantes segundas-feiras ele garantiu-me que o voo seria de manhã.

Antecipei-me e perguntei-lhe qual seria o horário de Verão e o horário de Verão, salvo erro, é para entrar em vigor nos finais de Março, suponho até que é no dia 27. Não é nada favorável à Graciosa. Eu também lhe disse que à 1H30M da tarde esse voo não servia à Graciosa, porque não temos voo ao Domingo e como não se tem voo ao Domingo não se pode criar um espaço tão grande entre o Sábado e a Segunda-feira à tarde. Portanto eu estou inteiramente de acordo consigo.

Muito obrigado.

**Presidente:** Para participar no debate tem a palavra o Sr. Deputado José Aguiar.

**Deputado José Ramos Aguiar (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado José Nascimento Ávila:

Fico satisfeito porque afinal parece que todos estamos de acordo. Se assim é, espero, e tenho a certeza de que o Governo Regional dos Açores terá necessariamente que cumprir aquilo que é pedido/exigido por esta Casa. É o órgão soberano, é o órgão de governo próprio do qual o Governo depende, e por isso terá que cumprir também a vontade desta Casa que, neste aspecto, penso que unirá todas as forças políticas. Não posso falar pelos outros, mas falo concretamente pelo PSD e agora através do Senhor Deputado pelo Partido Socialista. Estamos todos de acordo que, efectivamente, enquanto não houver voo ao Domingo, e esse é um dos pontos que ali foquei e que continuo a frisar, nunca ainda ninguém fez grandes reivindicações para um voo ao Domingo a não ser um Sr. Deputado do Partido Socialista que o antecedeu e que por muitas vezes se debateu por isso. Todos nós, penso, também queremos ter um voo ao Domingo, só que enquanto isso não for possível, pelo menos que nos permitam sair da Graciosa na Segunda-feira de manhã. E quando eu me refiro à Segunda-feira de manhã é antes das 10H da manhã, porque efectivamente depois dessa hora é extremamente difícil apanhar ligações com outras ilhas. Quem vai à Terceira tudo bem, mas quem precisa de ligações para outras ilhas depois dessa hora, é efectivamente difícil. Continuo a dizer, não há um avião para cada ilha, o dinheiro



não estica, podem nos dizer todas essas coisas agora, enquanto não houver o voo ao Domingo julgo que é da mais elementar justiça que haja um voo à segunda de manhã. E já agora, uma vez que o Sr. Deputado José do Nascimento já tem officiosamente conhecimento dos horários de Verão e uma vez que ele também já demonstrou as mesmas preocupações, julgo ser bom que o Governo tenha em atenção estas nossas preocupações e se possível as faça valer junto do Governo Regional.

Muito obrigado.

**Deputados João Cunha e Joaquim Ponte (PSD):** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Para participar no debate tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Todas as vezes que se faz uma mudança nos horários da SATA é sempre uma mudança que tem alguma controvérsia. Efectivamente, a SATA tem três aviões, tem que servir nove ilhas e há possibilidade de trinta e seis ligações diferentes, entre as diversas nove ilhas.

Quando se altera um voo numa determinada ilha, esse voo tem imediatamente reflexos em outras ilhas. Todos nós temos que fazer um esforço para entender isso e a SATA, mais do que tudo, também tem que fazer um esforço para entender as necessidades de todas as ilhas. Neste caso concreto da Graciosa compreende-se perfeitamente que esta ilha, a Graciosa, que não tem voos ao Domingo, tenha possibilidades de viajar à Segunda-feira de manhã. Isso é um esforço que a SATA terá que fazer, a não ser que haja um impedimento mais forte do que uma ligação que não se possa fazer fisicamente, porque o voo está em S. Miguel e não chega a tempo à Graciosa. Mas terá que haver um estudo global de todo o sistema. É isso que nós pedimos à SATA Air Açores.

Isto ainda está em estudo e vamos verificar se é possível ou não, não afectando o interesse das outras ilhas, que isto seja feito. Haverá sempre quando se satisfaz uma ilha, outra ilha fica menos satisfeita. É deste estado de harmonia, de perdas e ganhos, que temos que encontrar o óptimo e não é fácil nesta Assembleia encontrar esse óptimo. Tem que ser estudado de uma forma atenta. Se algo está mal tem que ser

corrigido. É isso que estamos a fazer e vamos com certeza informar a Assembleia, se assim a Assembleia o desejar, do resultado dessa nossa busca, para encontrar sempre o melhor para todas as ilhas dos Açores.

Muito obrigado.

**Presidente:** Para participar no debate tem a palavra o Sr. Deputado José Nascimento Ávila.

**Deputado José Nascimento Ávila (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em relação ao vôo ao Domingo que fez referência o Sr. Deputado José Aguiar, eu quero relembrar aqui a esta Assembleia, eu nunca mesmo como Deputado da oposição pedi um voo ao domingo.

**Deputado José Ramos Aguiar (PSD):** Eu não disse isso!

**O Orador:** Eu sei que não se referiu a mim, mas eu quero que isso fique claro, mesmo como deputado da oposição nunca pedi voo ao Domingo, porque na minha opinião, apenas na minha opinião, entendia que na realidade não era necessário. Agora se porventura a SATA continuar com o horário de Segunda-feira de manhã, continuo com a mesma opinião. Agora se realmente o voo passar a ser à tarde é lógico que temos que fazer essa reivindicação, porque é perfeitamente justa, porque é a tal questão que o Sr. Secretário diz e muito bem, que há umas ilhas que ficam mais prejudicadas que as outras. A nossa justificação é muito simples, nós não temos voo ao Domingo, daí a razão de haver todo o esforço para que haja voo à Segunda-feira de manhã, porque as outras ilhas, à excepção das Flores e do Corvo, tem voo ao Domingo. É esta a razão por que temos que lutar para que o voo de Segunda-feira de manhã seja uma realidade.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Para participar no debate tem a palavra o Sr. Deputado José Aguiar.

**Deputado José Ramos Aguiar (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Apenas mais uma breve questão, porque me parece que todos estamos de acordo em relação a esta situação, embora o Sr. Secretário Regional ponha alguns entraves, alguns condicionalismos, que possam levar a que os horários não satisfaçam toda a

gente e, naturalmente, não vão satisfazer toda a gente em todas as ilhas, em todos os dias e em todas as horas. Compreendo e aceito isso. Agora o único motivo de força maior que eu aceito como justificável, para além das avarias, que nós não prevemos, mas que em condições normais eu aceito como de força maior para que o voo não vá na Segunda de manhã antes das 10H, é se eventualmente tiver que fazer mais voos para as Flores ou para o Corvo, porque são as únicas ilhas onde não existem voos todos os dias incluindo o Domingo e mais do que um voo por dia.

Esta é uma situação que deve ficar clara. Se todas as ilhas à excepção do Corvo, Flores e Graciosa têm voo ao Domingo, estas ilhas, na minha opinião pessoal, devem ter alguma protecção para a segunda de manhã, e se não, vamos então de encontro também àquilo que dizia o Sr. Deputado José Nascimento Ávila, e que eu não me referi ao Senhor, referi-me ao Deputado que o antecedeu no seu partido, e então passaremos sim a exigir com todas as forças um voo ao Domingo.

Devo dizer que gosto de pedir aquilo que me parece justo, razoável e possível. Neste momento, parece-me que é possível esperarmos mais algum tempo pelo voo do Domingo, mas queremos ter um voo à Segunda-feira.

Devo ainda referir que já aqui nesta bancada chegou-me ao conhecimento de que o horário de Verão prevê um único voo à Segunda-feira às 13H30M. Julgo que é muito mau para as pessoas da Graciosa. Deixo aqui esse alerta. Muito obrigado.

**Vozes da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Guilherme Pinto.

**Deputado Guilherme Pinto (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Antecederam a constituição do primeiro museu público na cidade da Horta, no início da década de 40, dois museus particulares, um de história natural, e outro de história natural e etnográfica.

A criação destes museus privados, na década de 30, na ilha do Faial, ficou a dever-se ao interesse de dois curiosos, um Sargento da Guarda Fiscal, Caetano Augusto Moniz, e de um professor de instrução primária, Manuel Dionísio, que reuniram essas colecções em espaços das suas residências, onde recebiam esporadicamente visitas de locais e de turistas.

O primeiro destes museus, situava-se na cidade da Horta, enquanto o segundo estava instalado na freguesia dos Flamengos.

Em 1938, Luís da Silva Ribeiro, reputado etnógrafo Terceirense, em artigo publicado no *Correio dos Açores*, refere-se ao professor Manuel Dionísio como “...muito conhecido nos Açores e mesmo fora deles, pelo seu curioso museu, onde há bastantes coisas apreciáveis, sobretudo no que respeita à etnografia...”.

Nesse mesmo artigo, Luís da Silva Ribeiro, procurava chamar a atenção da opinião pública para os costumes e tradições que se estavam perdendo nos Açores, e da necessidade em se empreenderem estudos sobre a etnografia das ilhas, o que se traduzia, na necessidade de se proceder de forma sistemática à recolha da etnografia regional, que com excepção da Ilha de São Miguel, onde há anos já existia o Museu Carlos Machado, quase nada se havia feito.

No Museu da Horta estão guardadas as principais colecções da história natural e etnográfica do Museu Manuel Dionísio, enquanto as colecções de história natural do Museu Caetano Augusto Moniz, se encontram parte na Casa Etnográfica dos Cedros, nesta Ilha, integrando, a sua maior parte, o espólio do Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada.

Contudo, a vida destes dois museus privados, que se podem considerar a primeira experiência museológica local, acabou por ser curta.

Em 1939, a Comissão Executiva da Junta Geral do Distrito, compra uma colecção de história natural do Museu Manuel Caetano Moniz, e um edifício situado na Rua D. Pedro IV, para a instalação do museu e biblioteca, cedendo-a à Câmara Municipal.

Porém, compete à recém criada comissão local das comemorações centenárias, a responsabilidade de organização de um museu, e uma vez que o espaço definido para a instalação do museu camarário era de dimensões reduzidas, a família Bensaúde, cede temporariamente, a título gratuito, uma casa apalaçada, onde será instalado este museu, que abre ao público no dia 11 de Agosto de 1940, sob a designação comum de “museu de história natural, etnográfica e folclore”.

Terminadas as comemorações centenárias, este museu é oferecido à Câmara Municipal da Horta, que ainda em finais do ano de 1940, o transfere para o edifício oferecido pela Junta Geral.

O Museu Municipal da Horta, só abriria ao público em Fevereiro de 1943, enfermando dos mesmos males daquele que lhe dera origem, mas agora em instalações muito mais reduzidas.

Consistindo apenas numa exposição permanente, não comportando espaços de reserva era um exemplo perfeito do modelo ensaiado pelas exposições centenárias, um mostruário de coisas antigas e curiosas cujo aspecto decorativo se revelava de maior importância.

Significa este tipo de trabalho museológico, que após a novidade de uma primeira visita deixava de ter interesse dispendir tempo para lá voltar, daí que o seu funcionamento tenha sido sempre muito irregular, acabando por fechar as suas portas para sempre nos finais da década de sessenta.

Sr. Presidente, Sras. e Senhores Deputados, Sr. Membro do Governo:

O Museu da Horta foi criado pelo Decreto Regulamentar Regional nº 21, de 18 de Julho de 1977, considerando que nas ilhas que constituíam o ex-distrito da Horta, existiam, dispersos, numerosos objectos de valor artístico, histórico, etnográfico, científico, que corriam risco de desaparecer ou serem destruídos.

A este novo museu, era atribuído o edifício do antigo Colégio dos Jesuítas, um imóvel do Sec. XVIII, reconstruído após o terramoto de 1926, para nele funcionarem serviços administrativos, que em conjunto com a Igreja anexa, a Matriz da Horta, seria classificado como monumento regional. Começou o museu por ocupar quatro pequenas salas do edifício no segundo piso, e uma oficina e uma loja no primeiro piso para armazenamento de algum espólio, quando outro, já era colocado nos corredores dos dois pisos sem quaisquer condições de segurança.

Em 1980, sem espaço para abrigar grande parte do seu acervo e, encontrando-se vagos os anexos da Igreja de Nossa Senhora do Monte Carmo, transfere para ali toda a sua colecção etnográfica apesar das condições inadequadas de um imóvel muito degradado.

Só em 1989, isto é, passados 12 anos da sua criação, é que o Museu da Horta consegue instalar parte dos seus serviços em toda a ala norte do edifício, autonomizando uma entrada para o seu público, não obstante, a ala sul do edifício continuasse até hoje a ser ocupada pelos serviços das finanças.

Deste modo, desde que foi criado o Museu da Horta, o seu funcionamento encontrou-se sempre condicionado por razões de espaço, num edifício que após o terramoto de 1926 fora adaptado para serviços administrativos.

É também de referir, que o quadro de pessoal definido aquando da criação do Museu da Horta, apenas comportava um director, um técnico auxiliar, um escriturário dactilógrafo, um guarda e um servente, o que é significativo da política cultural então desenvolvida pelo Governo Regional, e da concepção limitada que se tinha de museu, cuja actividade científica não constituía questão primordial.

É, sensivelmente, a partir de 1988 que se verifica uma alteração na política museológica regional que passa por um melhor planeamento de acções. Investe-se na formação de quadros, procura-se remodelar o panorama museológico regional mediante a adaptação ou construção de imóveis na base de programas.

É neste novo contexto que, a partir do ano de 1988, o Museu da Horta, sendo pela primeira vez apetrechado de quadros técnicos, enceta o trabalho de classificação e inventário de todo o seu espólio, que nunca tinha sido realizado. Em paralelo, e não obstante uma ou outra iniciativa anterior, e dentro dos limites impostos pelas suas condições precárias de instalação, assiste-se a um período de reanimação do museu, com exposições temporárias em colaboração com agentes culturais locais e inicia-se a investigação necessária à formulação de um programa museológico, começando esta instituição a ganhar credibilidade no meio.

As suas colecções são múltiplas e de natureza diversa, dizendo na globalidade respeito ao percurso histórico da ilha do Faial: objectos etnográficos, onde se inclui o conjunto de peças artesanais feitos em miolo de figueira da sua exposição permanente, objectos náuticos, tecnológicos, artísticos e de história natural.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Membro do Governo:

Para que o Museu da Horta possa responder aos novos desafios e acompanhar a modernidade, tornando-se um espaço de âmbito pedagógico ou didáctico, de investigação e lazer, é fundamental que esta instituição veja urgentemente ampliadas as suas instalações.

Embora, conhecendo todas as diligências que têm sido efectuadas pelo actual Governo Regional, no sentido de se conseguir que os serviços dependentes do

Ministério das Finanças, sejam transferidos para o imóvel propriedade do Banco de Portugal, de modo a libertar a ala sul do edifício, apelo ao Governo Regional para que continue a empenhar-se para a solução deste problema.

De facto, a ilha do Faial precisa de um museu que seja revelador das formas genuínas da cultura da comunidade, onde esta se encontre e parta à descoberta de soluções que a sociedade contemporânea lhe exige. Um museu que se identifique com a sua história, o homem e a sua relação com o meio ambiente.

Passados que são 22 anos sobre a sua fundação, o seu património histórico-cultural assim o exige, e a Ilha do Faial não só o anseia como o merece.

Disse.

*(Aplausos das bancadas do PS, Governo e PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Eugénio Leal.

**Deputado Eugénio Leal (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Membro do Governo, Sr. Deputado Guilherme Pinto:

Tenho que lhe dizer que curiosamente também tinha uma intervenção para fazer, onde abordava justamente a questão final que o Sr. Deputado referiu.

Estou de acordo com a sua intervenção, aliás, como pessoa ligada à História. Portanto, como professor tenho que felicitá-lo pela sua intervenção sobre esse aspecto.

Tinha feito uma intervenção no dia 25 de Novembro de 1997, onde justamente aqui nesta Câmara, trouxe o problema da transferência das instalações do antigo Banco de Portugal, da delegação do Banco de Portugal para a Direcção de Finanças, para que o Museu da Horta pudesse efectivamente expandir-se e vir a ter a dignidade que muito bem referiu, para exposição do valioso espólio de que dispõe. Contudo, não posso deixar de lamentar que, passado todo este tempo, já lá vão, salvo erro, cerca de sete anos após o encerramento das instalações da delegação do Banco de Portugal, continue o mesmo edifício fechado, e se na altura tive oportunidade de criticar o Governo do então Professor Cavaco Silva, então PSD, a verdade é que não posso deixar também de criticar hoje o facto de já ter passado mais tempo de governação do

Eng.º António Guterres, do que do Prof. Cavaco Silva, sem que este assunto tenha sido resolvido.

**Deputado António Meneses (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Sim, Sr. Sr. Deputado. Só que Cavaco Silva teve cerca de dois anos e meio para resolver este problema e o Eng.º Guterres já leva três anos e qualquer coisa para o resolver, com uma agravante, é que, por um lado, toda a gente sabia que o Prof. Cavaco Silva não morria de amores pelos Açores...

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Nem morre!

**O Orador:**... nem talvez morra, nem talvez continue a morrer. Agora o Eng.º António Guterres todos nós sabemos que é um apaixonado pelos Açores, e ainda por cima o Eng.º António Guterres, hoje Primeiro-Ministro, aquando da campanha eleitoral que efectuou nesta ilha, em 1995, salvo erro em Agosto ou Setembro de 1995,...

**Deputado Francisco Sousa (PS):** As eleições foram a 13 de Outubro!

**O Orador:**... prometeu aos faialenses que esse assunto ficaria resolvido. Por isso mesmo quero aqui reforçar a questão que levantei há mais de um ano e quero corroborar com a preocupação do Sr. Deputado Guilherme Pinto, mas também deixar muito claro que já era tempo deste Governo da República, do Partido Socialista, ter resolvido esta situação.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Da próxima resolverá, porque terá maioria absoluta!

**O Orador:** Espero que até Outubro do corrente ano venha a ser resolvido esse problema, porque é injustificado, porque se o era anteriormente no tempo do PSD, continua a ser agora. Que o edifício com a localização que tem, com as excelentes características que tem, continue fechado, quando existem dois serviços, a Direcção de Finanças e o Museu da Horta em precárias condições. Isto é inadmissível tanto no tempo do Prof. Cavado Silva como no tempo do Eng.º António Guterres.

**Deputado António Meneses (PSD):** Muito bem! Apoiado!

**O Orador:** Fica aqui muito claramente a minha posição sobre essa matéria e faço votos de que da parte do Eng.º Guterres, da parte do Governo Regional, que não duvido que já tenha diligenciado sobre essa matéria, como também nos anteriores



governos do PSD o assunto era diligenciado. Agora como faialense gostaria de ver o Eng<sup>o</sup>. António Guterres resolver um problema específico da Ilha do Faial.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Já resolveu dois!

**O Orador:** Quais foram?

**Presidente:** Srs. Deputados vamos fazer o nosso intervalo. Recomeçaremos às 18.00 horas.

*(Eram 17.00 horas)*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados vamos reiniciar os nossos trabalhos, peço o favor de ocuparem os vossos lugares.

*(Eram 18.10 horas)*

Vamos continuar com o tratamento de assuntos de interesse relevante.

Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Aires Reis.

**Deputado Aires Reis (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Permitam-me que traga a esta Assembleia Regional alguns assuntos que têm preocupado ultimamente os jorgenses.

São questões antigas, constantemente adiadas, e sobre as quais as pessoas precisam ser esclarecidas, ou seja, precisam saber com o que podem contar deste Governo.

De entre um mundo de problemas que estão por resolver em São Jorge, destaco hoje mais alguns que o Governo deve juntar ao rol que aqui deixei na minha última intervenção.

O Matadouro de São Jorge

Ouvi o Senhor Secretário da Agricultura, Pescas e Ambiente anunciar investimentos em obras de construção de novos Matadouros, em diversas ilhas da Região.

Acontece que nessas declarações não foram referidas quaisquer intenções do Governo Regional em iniciar as obras de beneficiação e ampliação do Matadouro de

São Jorge, que são absolutamente necessárias e prioritárias. São obras que não podem nem devem ser adiadas.

Parece-nos que as indefinições do Governo Regional a este respeito já deviam estar ultrapassadas .

Gostaria por isso de ouvir do Senhor Secretário, ou de alguém do Governo, uma explicação das intenções do Governo Regional no que respeita ao Matadouro de São Jorge.

Os jorgenses desconhecem ainda as vossas intenções.

Aliás como acontece em muitas outras áreas:

Por exemplo no que respeita ao **abastecimento de água à lavoura**.

Quando é que a lavoura de São Jorge vai poder contar com o abastecimento de água às suas explorações?

Não se compreende que passado tanto tempo sobre a assinatura do protocolo de colaboração entre o IROA e a Câmara Municipal da Calheta, ainda não tenham sido dados passos decisivos para a solução deste problema.

Nem se percebe por que razão, passado tanto tempo sobre a conclusão do projecto de abastecimento de água à lavoura do Concelho das Velas, a situação seja idêntica.

O Governo deve ser responsabilizado pelos atrasos no abastecimento de água à lavoura da ilha de São Jorge.

Os Senhores continuam a protelar o início dos investimentos e a arranjar argumentos para adiarem sucessivamente soluções que consideramos essenciais para o desenvolvimento económico da nossa ilha.

Outro assunto que preocupa os jorgenses, nomeadamente os pescadores, é a forma como esta Secretaria trata as **reparações e conservações dos equipamentos instalados nos pequenos portos**.

É uma situação preocupante para quem se dedica à actividade piscatória e vê desde há muito tempo um abandono total daqueles equipamentos.

Os guindastes avariam com frequência devido à falta de manutenção. E muitas vezes durante a operação de varagem das embarcações, como aconteceu recentemente no Porto do Topo, onde uma das embarcações caiu ao mar e ficou destruída ao embater

no cais. Tudo porque o cabo do guindaste estava deteriorado e não foi atempadamente substituído.

Este acidente poderia ter sido fatal para algum dos membros da tripulação. Felizmente isso não aconteceu, mas o prejuízo foi de cerca de um milhão e quatrocentos mil escudos.

O Porto do Topo, à semelhança de outros portos daquela ilha, está de facto muito abandonado.

Os pescadores há muito que desejam uma máquina de produção de gelo e o Governo não lhes resolve o assunto.

Para quando a solução definitiva destes e de outros problemas que preocupam tanto os pescadores de toda a ilha?

Outro assunto que já preocupa a população da zona do Topo é a forma como funciona a **Escola Básica Integrada do Topo**.

Problemas pela falta de espaço, pela falta de funcionários e com as refeições dos alunos, continuam sem solução.

Quando em tempos confrontei o Senhor Secretário com alguns destes assuntos, foi-me garantido que no espaço de uma semana, por altura de uma das suas visitas a São Jorge estes assuntos seriam resolvidos. E foram, só que passados poucos meses a escola continua com os mesmos problemas.

A Secretaria da Educação e Assuntos Sociais deveria dar mais atenção à Escola Básica Integrada do Topo.

Alguns dos departamentos governamentais demoram meses a tratar dos assuntos relativos àquela escola e outros nem respondem às questões que são levantadas. É inadmissível o que está a acontecer. Aconselharia mesmo V. Ex., Senhor Secretário, a inteirar-se dos problemas rapidamente.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Para terminar gostaria de deixar um apelo ao Governo Regional.

Decidam rapidamente sobre a aprovação dos projectos de 1º instalação dos jovens agricultores.

Não é justo que alguns jovens sejam prejudicados e vejam a sua vida atrasada 3 e 4 anos.

Por incrível que pareça, nunca lhes foram dadas directamente quaisquer informações sobre o andamento dos respectivos projectos.

E como é possível considerar que a culpa nos atrasos verificados é dos jovens, quando estes, na sua grande maioria, possuem os seus processos completos há mais de 2 e de 3 anos?!

Foi uma falta de responsabilidade de quem disse.

E foi igualmente uma falta de responsabilidade do Governo, deixar o assunto passar em claro sem o esclarecer. Se o IFADAP não funciona, é preciso denunciá-lo e o Governo deve tomar medidas para que estas situações não aconteçam.

As pessoas precisam e tem o direito de saber, de imediato, com o que podem contar deste Governo.

Disse.

**Deputado Mark Marques (PSD):** *Muito bem!*

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Para participar no debate tem a palavra o Sr. Deputado António Gomes.

**Deputado António Gomes (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional:

Ouvi com muita atenção a intervenção do Sr. Deputado Aires Reis e sobre os assuntos que ele ali levantou quero prestar alguns esclarecimentos.

No que se refere ao abastecimento de água à lavoura, é uma preocupação que também já fiz sentir em anos passados e quando tínhamos outro Governo a gerir a Região Autónoma dos Açores.

**Deputado Mark Marques (PSD):** É uma coisa impressionante!

**O Orador:** Não há dúvida que o abastecimento de água à lavoura é uma questão que nos preocupa a todos, mas quero informá-lo que sobre essa matéria o Governo Regional está a dar alguns passos. Posso dizer que, relativamente a situações que tem a ver com o abastecimento de água à lavoura, já existe um projecto para resolver, não direi resolver definitivamente, mas remediar substancialmente a lavoura da freguesia da Ribeira Seca, através duma represa que irão fazer na Ribeira das Romanias.

Relativamente ao Topo será feito também um reforço a esse nível. Isto são as informações que eu colhi junto da Secretaria da Agricultura, Pescas e Ambiente.

Quanto à reparação das gruas, neste momento o Sr. Director Regional das Pescas está em S. Jorge e tem em agenda essa questão. Reconheço que, de facto, nessa matéria, tem falhado um pouco a manutenção que se deve dar a esse tipo de equipamento.

Relativamente à questão da Escola Básica do Topo, Sr. Deputado, o Sr. sabe porque reside no concelho da Calheta, que muito recentemente foi feito um concurso para admitir pessoal para essa escola. Também sabe que já se fizeram algumas obras, sabe que já se adquiriu um terreno, sabe que o projecto muito brevemente será entregue, mas isso tem a ver com questões do âmbito do projectista, que só agora é que irá entregar o projecto e só de seguida é que se vai pôr essa obra a concurso.

Lamentavelmente quero referir uma questão que me preocupa imenso, que são as escolas de 1º. Ciclo do Ensino Básico e a situação degradante e vergonhosa em que se encontram essas escolas do concelho da Calheta. São uma autêntica miséria, que não é nada dignificante para a instituição que é mais responsável por esse património que é a Câmara Municipal da Calheta. Sinceramente isso preocupa-me sobremaneira, porque os utentes desses estabelecimentos de ensino estão, de facto, em condições muito desagradáveis, porque as escolas estão de tal forma degradadas que, de facto, prejudicam bastante os alunos que os frequentam.

**Presidente:** Para participar no debate tem a palavra o Sr. Deputado Aires Reis.

**Deputado Aires Reis (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Os assuntos que eu trouxe a esta Assembleia são assuntos do Governo não são da Câmara da Calheta,...

**Deputado Eugénio Leal (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** ... mas já agora tenho o gosto de lhe informar uma coisa que provavelmente não sabe...

**Deputado Mark Marques (PSD):** Ele sabe! Não quer é dizer.

**Deputado Sidónio Bettencourt (PSD):** Ele sabe!

**O Orador:** ...mas todos os professores já sabem, as obras das escolas já foram adjudicadas a uma empresa e, portanto o assunto já vai ser resolvido.

Agora, preocupa-me é quando o Sr. Deputado vem aqui defender aqui o Governo com assuntos que não têm a ver com a Assembleia. Por exemplo, o Sr. vem falar das escolas para desviar a atenção das outras coisas que eu falei, preocupa-me é quando o Sr. Deputado diz assim: o Governo está a dar alguns passos... é um projecto para remediar. Isso não é que resolve o problema de São Jorge e o Sr. sabe-o perfeitamente. É só isto que eu tinha para dizer ao Sr. Deputado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Mark Marques.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado António Gomes:

Subscrevo na íntegra o que o meu colega de bancada Deputado Aires Reis afirmou na sua intervenção, e pelos vistos o Sr. também o fez, com muita dificuldade e notou-se. Tanto é que chegou ao fim e tentou desviar as atenções para as escolas do 1.º ciclo, e o Sr. sabia, e nós sabemos que o Sr. sabia, mas não lhe convinha era dizer. A Câmara Municipal da Calheta não deu só alguns passos, como algumas explicações que o Sr. deu, já deu os passos certos e está tudo em bom andamento.

Mas grave é, por exemplo, a situação do matadouro de São Jorge, que o meu colega Deputado Aires Reis frisou, que havia sido adjudicado para construção, na Ilha de São Jorge, um matadouro na ordem dos 290 mil contos. Isso foi anulado por Resolução, com a promessa de que iria ser remodelado o matadouro existente. Essa situação não aconteceu. Há dias por estranho que pareça, o Sr. Secretário de Agricultura e Pescas, pena não estar presente porque com certeza teria mais uma daquelas explicações que costuma ter, que afinal disse que não tinha dito mas agente depois não sabe se ele disse se não, disse num órgão de comunicação social que naquela data iriam adjudicar na ilha de S. Miguel, e muito bem, um matadouro na ordem dos 2,4 milhões de contos. Falou em várias ilhas, e claro, eu estou sempre atento, toca sempre uma sineta, e não ouvi o nome de São Jorge, mesmo que fosse para dizer que estava na fase do processo da III Fase...

**Deputado Sidónio Bettencourt (PSD):** O estudo!

**O Orador:** ...do Projecto Integrado, na inclinação no sentido de... que nós ouvimos isso todos os dias, mas nós não ouvimos nada, e é isso que queremos denunciar, e são essas respostas, não respostas com um passo ou dois, ou com situações de paliativo, é

dizer o matadouro de São Jorge não se fez em A, vai-se remodelar este no mês tal e prevê-se que o projecto esteja pronto na tal data. Dêem-nos alguma coisa de concreto, sinceramente.

Fica bem patente a falta de argumentos que o Sr. Deputado tem em tentar defender o seu Governo. É esse o seu papel, quando, de facto, tenta desviar as atenções para outras situações que felizmente, neste momento, estão a ser resolvidas, não com um passo nem com dois, mas com casos concretos.

Muito obrigado.

**Deputado Sidónio Bettencourt (PSD):** *Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Gomes.

**Deputado António Gomes (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Secretários Regionais:

Não estou aqui com a pretensão de defender...

**Deputado Sidónio Bettencourt (PSD):** É só atacar.

**O Orador:** ... quem quer que seja. Estou aqui com sinceridade a discutir assuntos que devem ser discutidos com sinceridade.

A questão da Escola Integrada do Topo é um problema que se arrastou durante 20 anos.

**Deputado José Maria Bairos (PSD):** Durante 20, não!

**O Orador:** Existia uma Tele-Escola no Topo, num edifício que não reunia o mínimo de condições para administração desse nível de ensino, e o Sr. Deputado nunca falou neste caso aqui dentro. Este Governo está há dois anos no poder e deu passos significativos. Remodelou um edifício para adaptá-lo a Escola e criar condições condignas aos utentes desse estabelecimento de ensino.

Neste momento, está em vias de apresentar o projecto para a execução duma escola integrada de raiz, que só não o fez, porque essas coisas demoram o seu tempo. Este Governo está à dois anos a governar e isto tem a ver com gabinetes da especialidade ao nível do projecto.

O que eu disse ao Sr. Deputado Aires Reis, ele não percebeu nada do que eu disse, foi que muito brevemente seria entregue o projecto para a Escola Integrada do Topo.

Não disse que era um projecto para remediar. É um projecto para criar um estabelecimento com a dignidade que deve ter essa escola.

Relativamente à Casa de Matança, não vou entrar por essa via, mas sei onde é que o sapato lhe aperta, Sr. Deputado. A Casa de Matança, estive aqui durante 8 anos, nas anteriores Legislaturas, e todos os anos aparecia nos Planos dos anteriores Governos Regionais verbas para a Casa de Matança de São Jorge, só que eram verbas insignificantes. Nunca vi o Sr. Deputado nessa altura levantar com tanto entusiasmo essa questão conforme está agora aqui a levantar. Mas também sabe Sr. Deputado, que o Plano para 1999 já contempla verbas significativas, exclusivamente, como aliás explicou o Sr. Secretário Regional, para a beneficiação e não para indemnizar o empreiteiro da rescisão do contrato, mas sim para a beneficiação da Casa de Matança de São Jorge.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Aurélio da Fonseca.

**Deputado Aurélio da Fonseca (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

É só para esclarecer o Sr. Deputado António Gomes, que há vinte anos não se exigia a escolaridade obrigatória com nove anos, como se exige de alguns anos a esta parte.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Era só na rua dele!

**O Orador:** A sua observação é inadequada e incorrecta. No Topo leccionava-se nas condições em que se leccionava noutras localidades da Região e com resultados positivos. Faça-se essa justiça aos docentes e aos alunos que tinham aproveitamento.

**Deputado António Gomes (PS):** Estamos a falar de instalações, Sr. Deputado.

A partir do momento em que a escolaridade muda, justifica-se plenamente aquilo que foi feito e bem neste momento.

**Presidente:** Tem a palavra o Deputado Mark Marques.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Sobre a Tele-Escola, o meu colega de bancada Deputado Aurélio da Fonseca é mais entendido na matéria do que eu. Não era um problema que vinha fosse donde fosse, não era um problema que existisse, não era um problema que eu tive de trazer a esta Casa, nem o Sr. o trouxe a esta Casa, porque o problema não existia. Nós resolvemos os problemas à medida que eles vão aparecendo. Esse problema quando apareceu foi



devido às instalações. O seu Governo foi feliz na decisão, de facto, de se constituir uma escola básica integrada no Topo e esta foi uma vitória dos pais e dos encarregados de educação, porque a primeira vez que o Sr. Secretário lá apareceu, com três pedras na mão, também disse que era natural não sei de onde, que fazia 10 km de autocarro e que os do Topo também podiam fazer.

Portanto, quando o Sr. Deputado diz que remodelaram um edifício, eu não percebo muito de património arquitectónico e histórico, penso que os Srs. não remodelaram o edifício, em termos de património arquitectónico e histórico, destruíram um edifício na tentativa de criar uma escola e não foram muito criticados, nem o são agora, pela destruição desse património, porque, de facto, a escola lá está e esperemos que esse projecto saia e o Topo fique a ganhar com uma nova escola.

Sr. Deputado, eu não sei o seu sapato onde é que o aperta. O meu não me aperta e não lhe reconheço, nem resultados eleitorais, nem outras coisas mais, porque quem julga a minha actuação nesta Casa e fora dela, como Deputado, são os eleitores. Eles tem julgado os Deputados, os Presidentes de Câmara, Juntas de Freguesia e é bastante expressivo qual tem sido o resultado.

O Sr. Deputado gosta muito de referenciar os Deputados desta bancada, que tem algum passado como eu, com seis anos desta Casa. Sr. Deputado eu estou aqui eleito para apresentar as preocupações que os Jorgenses têm no presente, e luto por um melhor futuro. Não estou como o Sr. a pensar que há vinte anos havia Tele-Escola e afinal de contas não havia.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Gomes.

**Deputado António Gomes (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs Membros do Governo:

Vou ser muito rápido, mas terei que responder ao Sr. Deputado Mark Marques.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Eu não falo mais!

**O Orador:** Relativamente ao que acabou de referir e da apreciação que faz ao património de São Jorge, nomeadamente daquilo que se fez nesse edifício, como bem sabe, Sr. Deputado, as remodelações que se fizeram no edifício da Casa do Povo do Topo, foram remodelações interiores. Portanto, nada modificou arquitectonicamente

aquele imóvel infelizmente. Infelizmente quem modificou arquitectonicamente aquele imóvel foi o anterior Governo que só fez borrada ao nível das suas fachadas. Agora quero dizer o seguinte - e se não entender pergunte a quem efectivamente entenda mais desta matéria -: o que fez este Governo foi, de facto, remodelar um imóvel para adaptá-lo a escola, e mais ainda: permitiu que se recuperasse o património do Topo, porque a Casa dos Tiagos, que é o verdadeiro património daquela zona, estava totalmente degradado e sabe muito bem que, por via de se ter feito ali uma escola, vai-se recuperar a Casa dos Tiagos, pois este Governo só está a trabalhar em prol...

**Deputado Mark Marques (PSD):** Estava e está lá deitadinha como estava há 20 anos.

**O Orador:** ...do património daquela zona.

**Presidente:** Vamos retomar as nossas inscrições. Tem a palavra a Sra. Deputada Fernanda Mendes.

**Deputada Fernanda Mendes (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

No passado dia 11 comemorou-se o Dia Mundial do Doente. Alguns deputados desta Casa puderam verificar que esse dia é muitas vezes assinalado na privacidade da vida institucional ficando o evento no silêncio do "não existente" a não ser que, por feliz coincidência, por lá se passe como sucedeu à Comissão Eventual de Estudo da Toxicodependência desta Assembleia Legislativa Regional.

Do entrecruzamento das vivências provocados pelas visitas e contactos efectuados no âmbito desse trabalho parlamentar e das reflexões efectuadas sobre o Dia Mundial do Doente, senti-me na obrigação de tecer algumas considerações, neste período privilegiado do debate parlamentar, acerca de algumas "dúvidas" que se me põem sobre a referida matéria.

Gostaria, entretanto, que tais questões fossem entendidas na abrangência do significado atribuído por Antero de Quental, quando se refere que "Duvidar não é só uma maneira de propor os grandes problemas, é já um começo da resolução deles, porque ..., um problema circunscrito e definido é já uma certa verdade adquirida e

uma preciosa indicação para muitas outras verdades possíveis"(Tendências Gerais da Filosofia da Segunda Metade do Século XIX).

Fevereiro de 1999, finais do século XX e início de um novo milénio, este, já não centrado no homem, à maneira dos finais de séc. XIX e início do XX, como factor crucial do desenvolvimento, e sim na denominada sociedade de informação onde a tecnologia, seja ela materializada num computador pessoal com correio electrónico e internet, seja um robot industrial, uma tomografia axial computadorizada, uma ressonância magnética, ou ainda a implantação de sofisticados sistemas digitalizados e integrados em instituições diversas como os hospitais, seja onde for ou como for, aqui e ali temos a "máquina", criada pelo homem para seu benefício, a interpor-se e a interferir na sua vida de uma forma constante e com implicações ainda desconhecidas.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs Membros do Governo:

Esta evolução do mundo que nos rodeia não pode deixar de influenciar quem quer que seja, muito menos aqueles que contactando com problemas, dramas escorreitamente humanos, como as toxicodependências, as doenças mentais, as pessoas privadas de liberdade, não os tente compreender nesta encruzilhada em que nos encontramos face à evolução tecnológica e à sua influência na comunicação e nas relações humanas.

Nesses contactos dá-se conta da importância de uma visão centrada na história pessoal com tudo o que isso significa, desde ambiências socioculturais e familiares, às relacionadas com a ontogénese individual tanto genética como psicológica. Pudemos senti-lo e observá-lo quando do contacto com a PSP Comando de Angra do Heroísmo, Estabelecimento Prisional e Casas de Saúde Psiquiátricas dessa mesma cidade.

Estas questões são vastas e de implicações diversas, mas importa sobre elas reflectir como ponto de partida para o conhecimento de aspectos mais específicos que aos doentes dizem respeito.

Lembrarmo-nos dos doentes num dado dia do ano numa perspectiva de avaliação teórica e conceptual do que é ser-se doente neste fim de século, e as implicações que isso pode ter para o próprio e para os que têm obrigação de com eles lidar, quer para lhes administrar os actos clínicos necessários à sua cura, à remissão de mais uma

crise, ou quanto mais não seja para diminuir o seu sofrimento, pensar-se em conjunto sobre estes factos é importante, levando em consideração os pressupostos enunciados no início desta intervenção.

Relembro que esta reflexão efectuada no aqui e agora não está destituída de uma consequência pragmática, na medida que esta Casa irá a breve trecho debruçar-se sobre uma Proposta de Diploma que tem como centro do seu objecto o doente, ou seja, um doente que temos de conhecer melhor enquanto agente e ao mesmo tempo sujeito desta sociedade em franca mutação, ou de qualquer organização de Serviços de Saúde também estes, sempre, em transformação.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O doente deste fim de milénio está a mudar, em síntese, vive mais anos e apresenta um maior número de doenças crónicas. Por estas razões exige um maior número de cuidados de diversa ordem ao longo do seu ciclo de vida e de intervenções tecnológica e altamente diferenciadas, tanto nos recursos humanos como nos equipamentos que dão suporte a essa diferenciação..

É face a esta variedade de momentos de "crise" de saúde, seja ela essencialmente biológica ou psíquica, desencadeada por factores de maior preponderância externos ou internos, que a tomada de consciência dos cidadãos doentes e não doentes tem de evoluir no sentido do direito aos cuidados de saúde e tecnologia correspondente, sem perda da relação humana, como componente primeira de qualquer intervenção relacionada com qualquer ser humano, enquanto doente ou simples utente de um qualquer serviço de saúde.

No entanto, isto não é nada fácil porque é querer manter nesta denominada sociedade de informação com alta tecnologia os mesmos cuidados clínicos mantidos ao longo dos séculos assentes essencialmente na relação médico-doente, prolongada por cuidados higieno-dietéticos e alguma farmacoterapia muito incipiente, onde a relação era um factor terapêutico fundamental, e simultaneamente, ser alvo de constantes investidas de equipamentos, onde o médico, técnico ou enfermeiro tem entre si e o doente um objecto que também exige a sua atenção.

Na verdade não é nada fácil ultrapassar esta nova dinâmica relacional, que ultrapassa de longe o problema médico, essa é mais vasta nas suas implicações repercutindo-se

em diversas áreas onde, a meu ver, se impõe estes questionamentos a fim de não nos aprisionarmos nas malhas da nossa evolução criando novas patologias em vez de as diminuirmos.

A interposição da "máquina" como objecto intruso entre a pessoa prestadora de cuidados de saúde e o doente, reconhecida como uma das causas de falta de humanismo nos hospitais, é de facto um agente estranho e novo que se vai introduzindo de uma forma sistemática nessa relação, contaminando-a com elementos novos que ainda não conseguimos integrar na nossa herança colectiva de exigências enquanto doentes.

A importância da forma como nos poderemos ver enquanto doentes neste fim de milénio, faz-me lembrar, pelo efeito inverso que possa provocar, a situação dos doentes esquizofrénicos há uns 40 anos quando não existindo fármacos específicos, ficavam confinados aos hospitais psiquiátricos deteriorando-se a todos os níveis incluindo a capacidade de se relacionarem através de uma comunicação minimamente adequada. Para alguns destes doentes foi importante a descoberta de novas formas de comunicação que pudessem desenvolver-lhes algumas das capacidades ainda existentes, como seja a interposição entre o doente e o terapeuta de um objecto como por exemplo, uma marioneta. Era com este objecto "falante" que começava por levantar os olhos, sorrir e dizer as primeiras palavras, enfim a comunicar.

Nós, hoje, devemos rezear para que através da ausência da palavra e sua substituição por objectos tecnicamente sofisticados, não sejamos empurrados para uma sociedade esquizofreniforme, na qual o embotamento afectivo e o autismo sejam a nota dominante.

Quando se fala da desumanização dos hospitais está-se a falar da ausência da palavra no que ela tem de fundamental na relação das pessoas, no que ela veicula de informação, de tranquilização, ou mesmo de verdade de difícil gestão, mas sempre primordial para qualquer ser humano.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Ser-se doente nesta viragem do século é exigir que esta "sociedade de informação" não se transforme numa sociedade que nos torne mais falhos neste aspecto fundamental humano que é a nossa capacidade de falar, comunicar e estabelecer

relações pontuais ou duradouras de entreajuda, estas, sim, mobilizadoras da dinâmica e da compreensão mútua, só possível através da percepção destes novos fenómenos e sua integração na relação terapêutica.

Ser-se doente nesta viragem de século é não esquecermo-nos que o aparecimento do homem e o rápido desenvolvimento do seu cérebro estão relacionados com a fala, e que sem ela morreríamos de inanição, enquanto seres sociais, por falta dos estímulos primordiais que alimentam a nossa comunicação e por consequência o nosso desenvolvimento relacional.

Disse!

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Azevedo.

**Deputado Manuel Azevedo (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Andaram agitados, nos últimos tempos, os nossos pescadores artesanais - aqueles proprietários de pequenos barcos de boca aberta que fazem base nos nossos pequenos portos das nossas pequenas comunidades, envelhecidas pela baixa natalidade e pela emigração. Agitaram-se porque uma portaria do fatídico dia 9 de Julho do ano passado veio condicionar ainda mais a atribuição de licenças de pesca. Entre as várias novas imposições, uma se destaca: a necessidade de, nos doze meses anteriores ao pedido da renovação da licença, o pescador ter registos em lota não inferiores a 500 contos.

Um "burocra" engravatado...

*( Risos da bancada do PSD)*

...e sisudo dirá que não é pescador quem não apresente aqueles valores e verá nisto uma medida de grande alcance para evitar fugas à lota.

Um zeloso funcionário, defensor da lei e dos costumes, esgrimirá argumentos para concluir por estes valores de pescado, sem ouvir os interessados nem as suas associações representativas, pior que isso, sem conhecer a realidade onde "nos movemos e somos".

É preciso saber que nas nossas pequenas comunidades muitos proprietários de embarcações estão velhos e acabados, adoecendo com facilidade, indo pouco ao mar. É preciso saber que nas nossas freguesias e lugares nem sempre se consegue companhia para sair à pesca.

É preciso saber que o horário dos funcionários da lota nos nossos pequenos portos nem sempre coincide com a chegada da faina.

É preciso saber qual o estado dos nossos portos e se eles têm condições para se arriar e varar com facilidade. Quantas vezes o mar está bom e não se pode arriar porque a rampa não está em condições, porque o fundo não está limpo, porque o guincho não trabalha, eu sei lá, um rol de motivos que tantas vezes impede os nossos pescadores de sair para o mar conforme desejariam.

É preciso saber que, tradicionalmente, muita desta gente tem licença de pesca e vai ao mar para completar o rendimento do agregado familiar.

Acresce que, nalgumas ilhas, tem havido dificuldades ou mesmo impossibilidade de registar embarcações e segurá-las, conforme manda a nova portaria.

Dir-me-ão: mas o problema já está resolvido por este ano. A magnanimidade do Secretário das Pescas em resposta ao pedido da Direcção do Grupo Parlamentar Socialista, que não às insistentes preocupações dos pescadores, foi grande: "este ano tudo vai continuar na mesma, mas para o próximo ano vai aplicar-se a portaria". Isto não só não resolve o problema de fundo (as fugas à lota combatem-se de outros modos mais eficazes, ainda que mais trabalhosos e onerosos).

Não se trata de favor ou benesse como a encenação do encontro para a RTP/Açores quis traduzir.

**Deputado Rui Pedro Ávila (PS):** Em que instância?

**O Orador:** É a própria portaria ...

**Deputado Rui Pedro Ávila (PS):** Encenação?! É uma vergonha!

**Deputado José Maria Bairros (PSD):** Pura!

**O Orador:** ...que diz textualmente: "o SRAPA pode recusar a renovação das licenças, mediante comunicação escrita ao interessado, emitida até 30 de Novembro". E grande parte dos interessados, não recebeu qualquer comunicação escrita até àquela data.

**Vozes da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**O Orador:** As licenças mantêm-se, pois, em vigor. Não é benesse, não senhor. Não é favor, Senhor Secretário, é a lei!

**Deputado Rui Pedro Ávila (PS):** Claro!

**O Orador:** Em resposta à criação de um facto político o Secretário e a Direcção do Grupo Parlamentar Socialista montaram outro para encobrir a inoperância e a incompetência e não resolveram o problema como se impõe.

**Deputado António Almeida (PSD):** *Muito bem!*

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** *Muito mal!*

**Vozes da bancada do PSD:** *Muito bem!*

**O Orador:** E, Senhor Presidente, Senhores Deputados e Senhores Membros do Governo, do mar para a terra. Da Portaria nº 27/98 de 9 de Julho para as sequelas do sismo do mesmo dia. Segundo o Governo, nesta ânsia contínua de fazer e dizer que tudo está bem, o realojamento e a reconstrução começaram de imediato. As cabeças pensantes - governamentais cabeças, refira-se - idealizaram soluções nunca imaginadas que deram o resultado que está à vista, quase oito meses depois da trágica ocorrência. Disfarçados estes Governantes que tentam, continuamente, branquear incapacidades, a começar pelo Chefe - "primus inter pares"- que em 17 de Janeiro não se coíbia de enganar a 1ª dama de Portugal e de nos tentar enganar a todos dizendo: - pasmem, Senhores Deputados, - : "a resposta a esta catástrofe não tem precedentes nem paralelo no território nacional". E porque não a nível mundial, senhor Presidente?

Que pena, Senhores Deputados, não termos tido um Governo que tivesse aproveitado a força anímica do nosso povo e que surgiu logo após o sismo!

Que tristeza a marginalização dos autarcas concelhios e de freguesia, eles que conhecem a terra e as pessoas melhor que ninguém.

Para quê tanta demora nas pequenas reparações que não exigem demorados projectos?

**Secretário da Habitação e Equipamentos (José Contente):** Isso é na sua cabeça!

**O Orador:** Tão fácil teria sido reparar tantas casas, e eu disse isto em Julho ou Agosto nesta Casa, tão fácil teria sido reparar tantas casas com o respectivo



acompanhamento técnico que poderia, há muito, estar habitadas evitando gastos desnecessários em módulos?

E, mesmo agora, em que "tudo está a andar sobre rodas", segundo continuamente declara o Governo, e mesmo teimando em não alterar a estrutura montada para a reconstrução, as confusões continuam: avaliações mal feitas, orçamentos muito parcos para os custos de mão de obra praticados, má interpretação da legislação sobre apoios. Não será conveniente reciclar toda esta gente que está a trabalhar neste processo sobre a legislação e sua correcta interpretação? Seria altamente conveniente, Sr. Secretário.

A voz de comando continuamente ouvida: "não mexam em nada que não terão apoios", foi desmotivadora. Dormentes e adormecidos por estas vozes e por promessas diárias sem concretização, os sinistrados ainda acreditam que daqui por muitos anos tudo estará reconstruído.

Muito obrigado.

**Vozes da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Secretário Regional da Habitação e Equipamentos** (*José Contente*): Vire o disco porque esse está riscado!

**Presidente:** Para participar no debate tem a palavra o Sr. Deputado Rui Ávila.

**Deputado Rui Pedro Ávila** (*PS*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Há dois aspectos bastante diferentes na intervenção do Sr. Deputado Manuel Azevedo. No primeiro, não fosse a arrogância e alguns epítetos a despropósito, a palavra *burocra*, a palavra *engravatado*, podia ficar bem a alguém que não fizesse parte desta Casa nem do Governo, mas eu julgo que são termos que nesta Casa para classificar alguém não ficaram bem, e há outras maneiras de politicamente nós manifestarmos a nossa posição, o nosso protesto, que é legítimo da parte de quem o quiser fazer, e por causa disso mesmo tenho pena.

Retirando aquela outra série que o Sr. Deputado também quis aqui trazer da encenação, não sei aquilo que se passou por iniciativa do Grupo Parlamentar e da sua Direcção. Pedir para ser recebido pelo Sr. Secretário, ser recebido, estar lá a televisão, é uma encenação?

**Deputado Mark Marques (PSD):** Não, foi apresentar um facto político!

**O Orador:** É uma encenação? Quando V. Exas. fazem alguma coisa, também é uma encenação?

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** *Muito bem!*

**O Orador:** O assunto foi trabalhado pela Direcção do Grupo Parlamentar. O assunto foi estudado e é isso que eu queria dizer agora aqui Sr. Deputado Manuel Azevedo, que tirada essa primeira parte eu queria dizer que me congratulava com aquilo que V. Ex<sup>a</sup>. disse ali na tribuna, porque é verdade, porque nós também reconhecemos que era verdade e que havia falhas naquela Portaria. Era isso que eu queria estar aqui a me congratular com V. Ex<sup>a</sup>. porque eu sei que se preocupa também com os pescadores da nossa ilha no caso concreto. É essa pena que eu tenho. V. Ex<sup>a</sup>. responderá da melhor maneira. É capaz de me vir também com outros epítetos. Olha paciência! Agora eu não podia era calar aquilo que eu penso que na minha óptica ficou mal na sua intervenção.

Em segundo lugar, também quero dizer o seguinte: acho que é tempo suficiente, porque os discursos são iguais da vossa parte, e eu não tiro o mérito repetitivo que V. Ex<sup>as</sup>. têm a respeito da reconstrução...

**Deputado Mark Marques (PSD):** Se as coisas não andam!

**O Orador:** ... não lhes tiro esse mérito, mas agora é tempo de V. Ex<sup>a</sup>. dizer ali, que há oito gabinetes a trabalhar a partir de Janeiro no Pico e no Faial. Isto não existia. V. Ex<sup>a</sup>. não viu? As pessoas dizem que não passaram nas casas. Como é que V. Ex<sup>a</sup>. queria em Agosto que essas tais avaliações, que são mal feitas, estivessem feitas? São questões que eu deixo. Tudo correu bem? Não, não correu tudo bem. Tudo está bem? Não, não está tudo bem. Mas, como disse outro dia num artigo, prefiro eu, Deputado eleito pela ilha do Pico, em situações em que brincar com aquilo que as pessoas sofrem, prefiro que seja, como eu disse: em vez de profeta da desgraça ser arauto da esperança.

Muito obrigado.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** *Muito bem!*

*(Aplausos das bancadas do PS e Governo)*

**Presidente:** Para participar no debate tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Vou procurar referir-me exclusivamente às matérias que aqui foram apresentadas pelo Sr. Deputado Manuel Azevedo e fazer algumas considerações.

Em primeiro lugar, não vou aprofundar a matéria, na medida em que já foi distribuído, segundo creio, por todos os Srs. Deputados, uma proposta de resolução que ontem apresentei na Mesa da Assembleia sobre a matéria das licenças de pescas e que estou convencido, resolve os problemas, porque ao contrário do que o Sr. Deputado diz, o problema por este ano não está resolvido, lamentavelmente. Não está resolvido, porque nalgumas ilhas as pessoas já receberam as instruções que não tinham direito a licenças de pesca. Tenho aqui na minha posse, que me foi dado por um pescador, proprietário de uma embarcação, um ofício da Direcção Regional das Pescas, assinado pelo Sr. Director Regional, que não atribui a licença de pesca em 1998, porque nesse ano ele não pescou. Não pescou porque nesse ano ele teve problemas de ordem pessoal que o impediram de pescar...

**Deputado Fernando Menezes (PS):** Qual é a data?

**O Orador:** A data do ofício é a ref.<sup>a</sup> 33020506, da Direcção Regional da Pescas e assinada pelo Sr. Director Regional das Pescas.

**Deputado Jorge Valadão (PSD):** O mais engraçado é que nem data tem!

**Deputado Fernando Menezes (PS):** O funcionário esqueceu-se de pôr a data!

**O Orador:** Portanto, se algo está a funcionar mal é a Direcção Regional das Pescas. Se alguém assina indevidamente é o Sr. Director Regional das Pescas, porque se o Sr. Director Regional das Pescas não põe nos seus ofícios a data de emissão é porque administrativamente está a proceder mal.

**Deputado José Maria Bairos (PSD):** Muito mal!

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Se é uma portaria tem que ter data!

**O Orador:** Esse problema não é meu. O ofício do Sr. Director Regional faz parte do Proc.º 33020506, da Direcção Regional de Pescas. Mas foi recebido na Capitania do Porto de Santa Cruz das Flores, em Janeiro p.p.. Mas há mais, Srs. Deputados e já que me perguntam, há mais:

**Deputado Rui Pedro Ávila (PS):** Foi em Janeiro e nós não apoiamos!

**O Orador:** ...o Sr. Director Regional de Pescas informalmente, no aeroporto de Ponta Delgada, na passada Segunda-feira afirmou: "esse problema está resolvido para quem tem menos de 500 contos. Para quem não teve licença em 98 continua sem a ter". Foi afirmado pelo Sr. Director Regional de Pescas e eu estou contra isto, porque não admito que um pescador que em 1998, porque esteve doente,...

**Deputado Rui Pedro Ávila (PS):** Também nem eu!

**O Orador:** ...porque o barco não saiu, porque o barco esteve em concertos, porque reparou toda a estrutura do barco, porque reparou o motor do barco, não pode sair. Não admito que este pescador não tenha a licença de pesca. Mas se tudo estivesse a decorrer às mil maravilhas, como eu desejo e os Srs. desejam, o Sr. Director Regional de Pescas no dia em que foi resolvido que não se contaria com a portaria para o ano de 1999, teria imediatamente feito um fax ou um ofício para quem mandou este ofício a dizer "cancele o ofício que foi enviado deste processo. Este ano vai ser emitida licença, daqui a um ano havemos de ver". Devia proceder desta ou daquela maneira. Em meu entender isto é que estava correcto.

Em relação ao problema das pescas, tenho a proposta de resolução que será amanhã apresentada e discutida. É um problema que eu encaro com seriedade, que encaro com vontade de ser resolvido, pois o que é fundamental é, de facto, procurarmos resolver esta situação de acordo com os pescadores e de acordo com a salvaguarda de não fuga à lota.

**Deputado Rui Pedro Ávila (PS):** De acordo! Apoiado!

**O Orador:** Não se impede a fuga à lota cortando licenças. Há que melhorar os Serviços da Lota. Os pescadores profissionais, de barcos de boca aberta, têm que continuar a abastecer esta Região, pois eles são fundamentais, inclusivamente para o abastecimento de pescado em muitas das nossas ilhas.

**Deputado Rui Pedro Ávila (PS):** Apoiado!

**O Orador:** Sobre esta matéria, da minha parte estamos entendidos.

Em relação aos problemas que o Sr. Deputado fala do sismo, é evidente que já na última sessão analisámos a matéria. Era importante que o Governo Regional continuasse a trabalhar e cada vez melhor, no sentido destes problemas serem resolvidos, porque, de facto, as queixas continuam. É uma situação que eu chamo também e procuro chamar com a máxima calma ao Governo Regional. Eu neste momento tenho grande relutância em aceitar que o Deputado, que as pessoas viram outro dia por aí, por esta ilha, na Comissão que eu fiz parte, e participei com muitos outros Srs. Deputados, chegamos à ilha do Faial e isto aconteceu comigo no passado Domingo, as pessoas vêm-nos na rua e dizem: "Oh! Os Srs. foram aí para as freguesias e isto continua igual", foram várias as pessoas que me disseram que continua tudo igual.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Por isso é que o discurso é sempre o mesmo!

**O Orador:** Faço um apelo ao Governo Regional para que, efectivamente, se procure, de uma vez por todas, aprofundar estas matérias. Estas matérias não são matérias para colher louros políticos, não é essa a minha intenção, como também penso que não são matérias que devam ser partidarizadas, e da minha parte e do PCP também não é essa a nossa intenção. Estas matérias são matérias que têm que ser aprofundadas, reconhecendo os erros e as insuficiências que têm sido cometidas e procurando resolvê-las a bem daqueles que foram vítimas dum fenómeno natural e que merecem toda a nossa solidariedade.

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, de acordo com o nosso Regimento, vamos suspender o debate, retomaremos amanhã e vamos entrar agora no Período da Ordem do Dia.

O nosso primeiro ponto é uma Proposta de Decreto Legislativo Regional sobre "Adaptação à Região do Decreto-Lei nº. 167/97 - Empreendimentos Turísticos".

Está aberta a discussão na generalidade. Para apresentar a proposta tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A adaptação do Decreto-Lei nº. 167/97, de 4 de Julho sobre "Empreendimentos Turísticos" foi feita sobre a forma de um Decreto Legislativo Regional que foi apresentado à Assembleia Legislativa Regional e sobre o qual a Comissão de Economia, Finanças e Plano se debruçou.

Na reunião que tivemos com a Comissão de Economia, Finanças e Plano, uma reunião que se revelou construtiva, houve da nossa parte e da parte da Comissão alguns acertos a esse documento, acertos esses que considero mais de forma e de detalhe do que propriamente de conteúdo de fundo.

Assim, no preâmbulo foi proposto algumas alterações que a Direcção Regional de Turismo apresentou à Comissão de Economia, Finanças e Plano.

Também foi introduzido algumas modificações no artigo 1º., 3º., 9º. e 10º., que considero serem também modificações de detalhe.

No artigo 11º. a Comissão introduz uma modificação à proposta do Governo que permite o fecho dos empreendimentos turísticos sem ser preciso a aprovação da DRT. É um critério que julgamos ser também aceitável, dado que permite aos empresários saberem exactamente com o que contam no futuro. Portanto, retira um poder discriminatório à Administração Regional. Tem efeitos positivos, e tem efeitos negativos. O Governo Regional acha bem e não há grande problema neste processo.

Pequenas modificações também foram introduzidas no artigo 12º., respeitante aos "Alojamentos particulares", e ao artigo 18º., que se entendem mais como "Montante das coimas".

Para além disso existem algumas especificidades que este Decreto Legislativo Regional tem em relação ao Decreto-Lei nº. 167/97, que apenas dizem respeito às condições que existem nos Açores, que são diferentes das do Continente. Felizmente nos Açores nós não temos grandes problemas com o mercado paralelo de camas. O Decreto-Lei nº. 167/97, pretende, no fundo, legalizar uma situação existente, que nos Açores, felizmente, não existe e, portanto, temos a possibilidade de sermos um pouco mais exigentes e selectivos em relação a determinados empreendimentos.

Nós queremos um turismo de qualidade, assim retiramos no artigo 6º. as hospedagens, extenso nos Conjuntos Turísticos, porque achamos que vão degradar um pouco esses Conjuntos Turísticos. Aumentamos o número mínimo de unidades

hoteleiras nos Apartamentos Turísticos, que no Continente não tem número mínimo. Nós impomos o número de 10, tal como impomos o número 10 nos hotéis, o que já existe no Continente. Nos hotéis apartamento que também é de 10 no Continente. Nas estalagens que no Continente é seis nós impomos 10. Nas pensões que no Continente o número mínimo é de seis unidades, nós impomos também o número 10. No fundo colocamos todos em pé de igualdade, os hotéis, os hotéis-apartamentos, as estalagens, as pensões e os apartamentos turísticos, porque consideramos que, para haver alguma rentabilidade económica e para haver alguma qualidade nestas próprias unidades hotelarias ou meios complementares de alojamento, é necessário também haver alguma dimensão. Foi basicamente com esta intenção de criar um mínimo de unidades hoteleiras suficientes para que haja uma exploração rentável e não com a intenção de legalizar situações existentes que, de facto, nos Açores não existem em grandes quantidades, que nós colocamos uma exigência maior neste Decreto Legislativo Regional.

O resto julgo que são adaptações orgânicas, que são consensuais, e pela consulta que fizemos aos parceiros sociais, pela consulta que vem também da Comissão de Economia, Finanças e Plano, das Câmaras Municipais, parece-me também haver uma certa consensualidade na maior parte das posições expressas acerca deste Decreto Legislativo Regional. Basicamente este Decreto Legislativo Regional pretende adaptar um Decreto-Lei à Região Autónoma dos Açores. Algumas adaptações são feitas a nível de forma e de pequeno detalhe, outras mais importantes, são as que mencionei em relação à maior selectividade que nós queremos impôr ao nosso turismo, que pretendemos ser um turismo adequado às nossas realidades, mas de qualidade.

É isto que está aqui em análise e, portanto, ficarei aberto a qualquer esclarecimento que pretendam por parte da Assembleia.

Muito obrigado.

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Augusto Elavai.

**Deputado Augusto Elavai (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Este diploma, tal como o Sr. Secretário já referiu, é a adaptação à Região do Decreto-Lei nº. 167/97, de 4 de Julho.

A matéria que este diploma quer aplicar relaciona-se com uma actividade económica que é importante para a Região, o turismo.

O diploma que estamos a adaptar cria regras de enquadramento para os empreendimentos de animação cuja existência é conhecidamente importante como actividade complementar de oferta turística. Neste caso dos empreendimentos turísticos, a adaptação que é feita não é, tal como já referiu o Sr. Secretário, uma mera adaptação orgânica. Não é uma mera adaptação orgânica, porque não muda os ministérios para secretarias regionais. Não muda os órgãos nacionais para órgãos regionais.

O que se pretende também com esta adaptação é requalificar a actividade turística na Região que, ver-se-á no debate na especialidade e também o Sr. Secretário já referiu algumas delas, aceita designadamente os apartamentos turísticos e no mínimo de unidades de alojamento exigidas aqui na Região.

O Grupo Parlamentar do Partido Socialista assume as alterações feitas pela Comissão de Economia e votará favoravelmente este diploma.

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Estamos a tratar da adaptação à Região, com considerações que têm a ver também com o aspecto específico da Região, de legislação sobre a instalação e funcionamento de empreendimentos turísticos.

É uma matéria que julgamos importante. É uma matéria que ao analisá-la temos que pensar no turismo que temos e que queremos ter e, fundamentalmente, na qualidade desse mesmo turismo na Região Autónoma dos Açores.

Em nosso entender estes aspectos estão contemplados na proposta que é apresentada. Há algumas melhorias, inclusivé no documento que vem da Comissão e, por isso mesmo, nós não temos nada contra esta proposta, pelo contrário, pensamos que ela é positiva e que poderá fortalecer no futuro o turismo desta Região, um turismo que se deseja com qualidade. Por isso mesmo vamos votar favoravelmente a Proposta de



Decreto Legislativo Regional na generalidade como também na especialidade com as alterações vindas da Comissão.

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Eugénio Leal.

**Deputado Eugénio Leal (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Gostaria também de referir que o Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata concorda com a proposta de diploma e com as alterações que são feitas pela Comissão, sobretudo porque, como referiu o Sr. Secretário, e na sequência do definido já há alguns anos atrás para o tipo de desenvolvimento de turismo que pretendíamos, que é um turismo de qualidade, e a primeira situação que se deve exigir quando se pretende ter um turismo de qualidade é ter oferta de qualidade e sem dúvida alguma o objectivo deste diploma a nível nacional, felizmente, é para regularizar uma série de situações que não têm um mínimo de qualidade e que por pressões que são feitas por lobis, logicamente terão levado a que fizessem essa regulamentação no sentido de legalizar os milhares de camas que existem por algumas regiões do país sem o mínimo de qualidade.

O Governo Regional na sua adaptação privilegiou a qualidade, privilegia alguns aspectos que, embora não podendo ser garantia da existência de qualidade, são por si só uma referência que poderão certamente vir a garantir com maior probabilidade a existência dessa qualidade. Refiro-me concretamente ao número de unidades de alojamento de que prevê o diploma nalgumas das classificações hoteleiras. Por isso mesmo o Grupo Parlamentar do PSD vai votar favoravelmente o diploma com as adaptações que são propostas pela Comissão.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros dos Governo:

Aliás como já aqui foi referido por todos os intervenientes e tendo em conta que essa matéria foi cuidadosamente analisada pela Comissão Parlamentar, julgo que o que há de positivo aqui a salientar é o consenso que foi obtido quanto às alterações que vieram a ser introduzidas e que estão bem espelhadas no parecer da Comissão e que, de resto, como o Sr. Secretário aqui anunciou, também reconhece que são os tais

contributos que vêm dar ao documento e espelhar o realismo e as preocupações que estavam na mente de todos.

Nessa perspectiva o Grupo Parlamentar apoia o diploma na generalidade tendo em conta o parecer da Comissão.

**Presidente:** Encerrado o debate na generalidade vou pôr o diploma à votação. Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** A proposta foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Passemos agora à discussão na especialidade.

Está aberta a discussão do artigo 1º., para o qual há uma proposta de alteração da Comissão e é sobre essa que nós vamos depois votar.

Está aberta a discussão na especialidade do artigo 1º..

Vou pôr à votação o artigo 1º., texto da Comissão.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O artigo 1º. foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Vou pôr à discussão o artigo 2º. do diploma.

Vou pôr à votação o artigo 2º..

Os Srs. Deputados que concordam mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O artigo 2º. foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Artigo 3º. para o qual há uma proposta de alteração da Comissão.

Está à discussão.

Vou pôr à votação o artigo 3º., texto da Comissão.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O artigo 3º. foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** O artigo 4º. está à discussão.

Tem a palavra o Sr. Deputado Augusto Elavai.

**Deputado Augusto Elavai (PS):** Só para uma informação à Mesa.

Neste artigo 4º. não está referido aqui no diploma regional os motéis e as moradias turísticas, porque o Governo achou que não se coadonavam com a realidade turística regional. Esta é só a diferença deste para o nacional.

**Presidente:** Vou pôr à votação o artigo 4º..

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O artigo 4º. foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Está à discussão o artigo 5º..

Tem a palavra o Sr. Deputado Augusto Elavai.

**Deputado Augusto Elavai (PS):** É só reafirmar o que o Sr. Secretário disse e, portanto, realçar aqui o mínimo de unidades de alojamento que é referido, que é de 10. É no fundo para qualificar a oferta turística, também como já foi referido aqui pelo Deputado Eugénio Leal. No Continente não era exigido nenhum limite era apenas para licenciar ou regularizar os apartamentos turísticos que proliferam pelo Algarve. Neste caso aqui exige-se o mínimo para que a oferta turística seja de qualidade.

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Grupo Parlamentar do Partido Popular não quer estragar esta festa, porque realmente estamos aqui nesta unanimidade e isso foi muito discutido, como referiu o Deputado Elavai na Comissão. Não estive nas reuniões, em Ponta Delgada, percebo que prevaleceu o entendimento, mas nós queríamos manifestar aqui a nossa dúvida, porque parece-nos que a questão da qualidade não está necessariamente associada à questão da quantidade, quando se estabelece como mínimo para os apartamentos turísticos as 10 unidades. Lembro-me que ao nível da Comissão reflectimos imenso sobre isso - e já agora porque e como o PP não tem Deputado pela Graciosa, e os nossos Deputados da Graciosa já tiveram oportunidade de manifestar a sua satisfação pela presença da Delegação Graciosense - eu também aproveitava para dizer que um dos exemplos que na altura se referiu seria o caso dos Apartamentos do Carapacho, se bem me lembro aqueles que pertencem à Câmara, ou outras pequenas instâncias ao longo das nossas ilhas que, eventualmente, não têm dimensão para suportar investimentos com esses requisitos das 10 unidades. Era a nossa preocupação, e nós não duvidamos da boa intenção do Governo, é óbvio. O que há é aqui a percepção se para as nossas ilhas, e se excluirmos os casos daquelas maiores, se não deveríamos, e acho que em consciência devia trazer isso ao Plenário, ponderar que o limite mínimo de 10 unidades de alojamento para considerar o apartamento turístico se não estamos

aqui a limitar, a coarctar os investimentos nas ilhas mais pequenas ou em zonas das ilhas maiores. Sei que flectimos em questões como zonas como os Biscoitos ou como o Porto Martins, no caso das ilhas maiores. Em S. Miguel imaginemos os Concelhos mais afastados. A nossa preocupação é essa, é que se calhar há viabilidade económica para apartamentos turísticos compostos por 8 ou 9 unidades e por aquilo que se está aqui a legislar estamos a impedir tanto mais que não estamos a ser nada específicos, isto é, no território continental realmente eles tem outro tipo de ocupações, e nós aqui, na óptica do Partido Popular, não nos ficava mal se fossemos menos exigentes, para que ninguém dissesse: eu não investi na zona tal do Pico, das Flores, da Graciosa ou de São Jorge, porque só tenho condições para fazer 6 e não para fazer 10, porque a viabilidade económica, não tem a ver nem com 10, nem com 6, nem com 15, nem com 20 e aí está a Secretaria, através dos mecanismos normais de licenciamento e de controlo, a fazer esse controle.

Um investimento pode ter 50 apartamentos e ser todo inviável. Aliás, corre-se aqui o risco de ser-se demasiado exigente. Portanto a nossa dúvida, e percebo que os colegas Deputados nos contactos que tiveram posteriormente em Ponta Delgada, optaram por essa solução, e eu respeito, mas não queria deixar de colocar aqui a dúvida e deixar um alerta, porque se estiverem dispostos a ainda reduzir isso aqui para mim era um gosto, não faço questão disso. Não vou apresentar proposta no sentido de ser do contra, agora apelava mais uma vez para que se refletisse. Eu não vejo qual o perigo para a Região, qual o perigo de em vez de ser 10 ser votado 6 ou 7. Gostaria que o Sr. Secretário se fosse possível, que, na especialidade, me ilustrasse sobre isso. O que eu não queria é que amanhã tomassemos conhecimento de que uma unidade viável numa qualquer ilha dos Açores não avançasse pelo facto de não satisfazer o requisito das 10 unidades.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Realmente Sr. Deputado Alvarino Pinheiro, todos os números são sempre aleatórios, 10, 7, 8, 9, são sempre aleatórios.

Nós definimos 10 unidades. No Continente os hotéis e os hotéis-apartamento são obrigatoriamente de 10 unidades. As estalagens e as pensões são obrigatoriamente de 6. Nós consideramos que o número 10 seria um bom número para os Açores. Efectivamente, poderá aparecer um apartamento de qualidade que poderia ser de uma unidade, licenciado e autorizado. Mas repare: há muitas formas de licenciar os empreendimentos turísticos. No caso dos Açores nós temos grandes aptidões no turismo rural. O turismo rural pode ser feito com aldeamentos turísticos, com casas de campo. Há muitas formas de transformar um empreendimento turístico naquilo que se quer nos Açores e ter sempre viabilidade, mesmo não o classificando como apartamento-turístico. Portanto, não fica inviabilizado, porque nos Açores tiradas as cidades tudo pode ser classificado como turismo rural, se houver entendimento para isso, haverá possibilidades de unidades mais pequenas serem classificadas para turismo. O que nós não queríamos é que um edifício de apartamentos, de 3 ou 4 apartamentos se transformassem num apartamento turístico, sem um mínimo de qualidade, sem um mínimo de homogeneidade para, no fundo, tentar legalizar situações de arrendamento que se fazem no Verão e que se fecha no Inverno.

Penso que o turismo nos Açores é mais selectivo, deve ser mais selectivo, devemos procurar qualidade e foi por isso que introduzimos o número 10, não um número mágico, é um número, tal como poderia ser 9, ou poderia ser 11 ou 12. Nós consideramos 10 como sendo aceitável. É só isso que posso dizer. Não há um estudo económico sobre isso, só que no Continente também é assim para os hotéis, é assim para os hotéis-apartamentos. Nós consideramos esse número como um número bom em termos de viabilidade económica, porque para se fazer qualquer coisa tem que se ter também um conjunto de unidades para que haja uma parte administrativa que faça suporte a estes hotéis-apartamentos turísticos.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Agradeço a explicação e o espírito, e isso também nos tranquiliza um pouco mais porque é nossa preocupação que se elimine dos benefícios que possam resultar da

integração na oferta turística de situações que são situações que não são originariamente destinadas ao sector turístico e podiam ser aproveitamentos que são feitos por meros investidores que recorrem aos sistemas, pura e simplesmente, por razões financeiras quando o verdadeiro intuito é de outra natureza, e quanto a isso estamos todos cientes que é preciso proteger dessa matéria.

A explicação que o Sr. Secretário me dá, julgo que também nos tranquiliza mais dado que se houver um projecto que leve para uma ilha pequena um conjunto de apartamentos turísticos, mas que não tenha 10 unidades de alojamento, eu fico com a tranquilidade de que os serviços do Governo Regional vão dar a volta por forma a que com outro enquadramento se possa resolver.

O que eu queria manifestar em nome do Grupo Parlamentar do Partido Popular é que pese a exigência da qualidade que a todos nos é cara, e que é uma aposta politicamente correcta, sobre o nosso ponto de vista, que a esse pretexto não se elimine iniciativas que, porventura sejam honestas, destinadas ao turismo que por qualquer circunstância envolva a forma tradicionalmente conhecida apartamento e que não avance por só ter 8 unidades. Se o Sr. Secretário com a sua resposta nos dá um pouco a garantia de que há-de haver sempre uma forma de que isso funcione, estamos de acordo.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Valadão.

**Deputado Jorge Valadão (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata, tendo os seus membros na Comissão de Economia se absterido relativamente a esse diploma devido à análise posteriormente feita no seio do Grupo Parlamentar, pareceu-nos, à partida, que relativamente ao mesmo e ao seu conteúdo nenhum obstáculo havia a levantar. A minha intervenção não significa de forma alguma que haja uma mudança de posição ou que haja qualquer obstáculo a esse diploma ou mais concretamente a esse artigo. O Sr. Secretário Regional referiu aí na explicação que deu ao Sr. Deputado Alvarino Pinheiro, que um dos princípios que esteve na base de considerar como apartamento turístico ser um mínimo de 10 unidades se o facto de no Continente ser esse o limite mínimo para tal. É óbvio que esse diploma é um diploma em que prevê

expressamente a sua adaptação à Região, naturalmente é para ter em conta as especificidades próprias da Região.

Pela forma séria como o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro levantou a questão e pela forma responsável como o Sr. Secretário respondeu, é óbvio que nós não podemos deixar de ficar sensíveis aos argumentos que o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro aqui referiu.

É óbvio, e fundamentalmente nas ilhas mais pequenas, nas zonas de veraneio, mesmo de ilhas maiores, pode haver, e nós conhecemos pelo continente fora, fundamentalmente no que diz respeito a pousadas, a pequenos hotéis que a qualidade não é necessariamente sinal de quantidade até porque no Continente o limite mínimo é de 10 unidades para ser considerado como tal. Atendendo à nossa dimensão, relativamente à dimensão do Continente e à razão que esteve na base do número mínimo ser de 10, parece-nos não ser de excluir, mas é uma reflexão que ponho à Câmara, que talvez não se perde essa preocupação fundamental do Governo com a qual concordamos que é de garantir qualidade reduzindo esse número para 6 ou 7 unidades de forma a que não inviabilize, nas ilhas mais pequenas, algumas iniciativas louváveis, que pelo facto de esse número ser limitativo de alguma iniciativa particular no sentido de tentar investir numa área com a qual este Governo e todos nós consideramos que é prioritário para o nosso desenvolvimento. A única razão de ser da minha intervenção é apenas dizer que apesar da posição do Grupo Parlamentar, e dos seus membros, quer na Comissão, quer na reflexão que fez sobre este diploma e se for esse o entendimento da Câmara toda, estamos abertos e receptivos à questão, que tem alguma perspicácia e algum fundamento, que é o facto desse número ser limitativo a alguns empreendimentos que possam eventualmente surgir nos meios mais pequenos.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Augusto Elavai.

**Deputado Augusto Elavai (PS):** Eu acho que o mínimo, a não ser que esteja enganado, exigido no Continente para apartamentos turísticos não é nenhum, não é 10. O mínimo de unidades de alojamento para ser um apartamento turístico não é exigido no Continente, não é?

**Secretário da Economia (Duarte Ponte):** Não é!

**O Orador:** Exactamente. No Continente não há nada.

Foi só para um esclarecimento.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Nós às vezes por tudo e por nada levantamos aqui um pé de vento e desta vez está tudo com custo por uma proposta de alternativa. Eu próprio me sinto mal porque também podia apresentar uma proposta, e agente vota, e é muito mais fácil, mas como já foi aqui dito ninguém tem certezas, e acho que também é bonito, porque se eu tivesse a certeza já tinha apresentado a proposta e no fundo ninguém tem certezas, mas também não podemos ficar muito tempo nesse impasse, também temos que ajudar o nosso Presidente da Assembleia a conduzir os trabalhos.

Eu só gostaria de dizer que há aqui um argumento que eu confesso não tinha presente neste momento e que muito bem foi colocado pelo Deputado Augusto Elavai e confirmado pelo Sr. Secretário. Ora bem, a que no Continente não há limite. Há aqui uma tentação que é de ser mais papista do que o Papa, repito: o princípio da qualidade não é assegurado por essa quantidade. A questão da viabilidade é sempre quando se toca em matéria de incentivos ao financiamento.

O Governo é que avalia e é que decide se há ou não viabilidade, quer seja de 400 quartos, quer seja de 10. Portanto, esses instrumentos são instrumentos técnico-administrativos que o Governo domina. A questão é tão só de impedir que um projecto de apartamentos turísticos composto por um mínimo, por exemplo de 6 unidades, que se calhar é um investimento que envolve muito mais risco, muito mais empenho se for feito sobretudo por um particular, e ainda há gente que aposta no turismo, que não as grandes empresas que sugam os sistemas de turismo. Há ainda gente que mete o seu e que aposta aí para coisas pequenas, adaptadas muitas vezes às nossas realidades e não apenas os grandes concursos que entusiasmam a opinião pública desta Região.

Continuo a pensar que não vejo que se perdesse nada, não vejo o que é que se perde. O que é que se perde se puser aqui "a nível nacional não há limite" se nós formos exigentes e pusermos "os apartamentos turísticos são compostos por um mínimo de 6



unidades de alojamento". Eu pergunto: que é que se está perdendo? Que riscos é que se está perdendo? Que gravidade é que pode haver para os Açores e para o turismo dos Açores, e não será que estamos aqui a tornar as coisas mais acessíveis aos nossos investidores não institucionais? Isto não vai para a frente só com grandes investimentos e só com os capitais que estão suportados em projectos de grande capital próprio ou de grande financiamento institucional. Dá aqui a possibilidade das pessoas se aventurarem e multiplicarem. É nessa perspectiva.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Sr. Presidente, Srs. Deputados: Eu quando falei do número mínimo andar à volta dos 10 e disse que era aleatório 10, 11, 12 ou 9 ou 8, estava a falar daquela zona, porque isto é o facto, de no Continente não se ter mínimo nenhum, é exactamente para legalizar uma situação existente.

Ir para o Algarve e ver o conjunto de apartamentos que são alugados no Verão, são agora classificados como apartamentos turísticos, é legal. Mas nós nos Açores não temos isso, e ainda bem que não temos. Nós queremos ter um turismo de qualidade, não podemos ter um apartamento com pessoas a viver e ter lá um apartamentozinho ao qual se chama apartamento turístico. Isso não serve às especificidades dos Açores que queremos ter. Não temos sol e praia como o Algarve, não somos as Canárias, não temos a mesma coisa que tem Palma de Maiorca, queremos ter aqui um turismo de qualidade, porque, se o Sr. quiser fazer turismo rural no campo aí as unidades são mais pequenas, aí já pode fazer pequenas unidades, aí os pequenos investidores têm um manancial muito grande. Agora nas cidades, nos apartamentos, querer que 1 unidade seja um apartamento turístico chama-se degradar o nosso turismo.

Eu penso que deve haver um mínimo e este mínimo pode ser 9, pode ser 8, até pode ser 6. Nós achamos razoável, aliás é o mesmo para os hotéis, são 10 unidades nos hotéis, são 10 unidades para os hotéis-apartamentos. Nós impomos também que as estalagens tenham 10 unidades e as pensões também tenham 10 unidades. Um investimento que se faz numa coisa é praticamente igual ao da outra. O número de 10 não é nenhum número mágico. A Assembleia pode propôr qualquer número, agora baixar e não haver um mínimo como no Continente, é exactamente degradar totalmente o sistema e isso eu não estou de acordo. A Assembleia pode fazer o que

quiser, mas vai ter um efeito nefasto no turismo, porque a qualidade pode-se sempre exigir, mas nem sempre se consegue. Este número mínimo de 10 impõe um certo investimento e uma certa qualidade. É o mesmo que se faz para os hotéis, para os hotéis-apartamentos, para as estalagens, para as pensões onde se exige também um número mínimo. Se se retira esse número mínimo daqui, eu percebo no Continente, não percebo nos Açores e, felizmente, nos Açores não existe tanto mercado paralelo, não existe as mesmas dificuldades que tem o Algarve onde no Verão se enchem os apartamentos, os chamados apartamentos turísticos.

Muito obrigado.

**Presidente:** Continua em discussão o artigo 5º..

Não havendo mais intervenções vou pôr o artigo 5º. à votação.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

Os Srs. Deputados que se abstêm façam favor de se sentar.

**Secretário:** O artigo 5º. foi aprovado com 23 votos do PS e 1 do PCP a favor, e com 23 abstenções do PSD, 2 do CDS e 1 do Deputado Independente.

**Presidente:** Está agora aberta a discussão do artigo 6º..

Não havendo intervenções vou pô-lo a votação.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O artigo 6º. foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Ponho agora à discussão o artigo 7º..

Não havendo intervenções vamos passar à votação.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O artigo 7º. foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Está à discussão o artigo 8º..

Não havendo intervenções vou pôr à votação o artigo 8º..

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O artigo 8º. foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Artigo 9º.. Há uma proposta de alteração da Comissão para o nº. 1.

Está à discussão. Não havendo intervenções vou pôr à votação o artigo 9º., nº. 1, com a redacção proveniente da Comissão.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** Foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Está à discussão o artigo 10º. com a redacção que vem da Comissão.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O artigo 10º. foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Está aberta a discussão para o artigo 11º..

Também tem uma proposta da Comissão.

Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Augusto Elavai.

**Deputado Augusto Elavai (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

É uma informação à Câmara, apenas para dizer que na proposta inicial do Governo estava que era necessário uma autorização do Governo para que o período de funcionamento fosse menor do que um ano, e depois do debate na Comissão achou por bem, que fosse apenas necessário um pedido e uma comunicação da Instituição que quer fechar por menos de um ano.

**Presidente:** Não havendo mais intervenções vou pôr à votação o artigo 11º. com a redacção que vem da Comissão, ou seja, a eliminação do nº. 4.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O artigo 11º. foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Artigo 12º.. Temos uma proposta da Comissão para o nº. 3.

Não havendo intervenções vou pôr à votação o artigo 12º. com a redacção proveniente da Comissão para o nº. 3.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O artigo 12º. foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** O artigo 13º. está à discussão.

Não havendo intervenções vou pôr à votação o artigo 13º..

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O artigo 13º. foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Pedem-me para pôr simultaneamente à votação os artigos 14º., 15º., 16º. e 17º.. Se não houver objecções assim farei.

Não havendo objecções da Câmara vou pôr à votação os artigos 14º., 15º., e 16º. e 17º..

Os Srs. Deputados que concordam, com esses artigos mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** Os artigos 13º., 14º., 15º., 16º. e 17º. foram aprovados por unanimidade.

**Presidente:** Artigo 18º..Tem uma proposta da Comissão para as alíneas a), b), c) e f). Não havendo intervenções vou pôr à votação o artigo 18º. com a alterações provenientes da Comissão.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O artigo 18º. foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Ponho agora à discussão os artigo 19º. e 20º..

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** Os artigos 19º. e 20º. foram aprovados por unanimidade.

**Presidente:** Vou pôr agora à votação final global o diploma.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O diploma foi aprovado em votação final global por unanimidade.

**Presidente:** Baixa à Comissão de Economia, Finanças e Plano para redacção final.

Passemos agora ao ponto 2 da Ordem do Dia que é uma **Proposta de Decreto Legislativo "Criação do Centro Regional de Operações de Emergência de Protecção Civil dos Açores, no âmbito do Serviço Regional de Protecção Civil dos Açores com a finalidade de coordenar as operações e o apoio logístico necessário em caso de acidente grave, catástrofe ou calamidade, centros municipais de operações de emergência de protecção civil, no âmbito dos serviços municipais de protecção civil, dirigidas pelos Presidentes das Câmaras ou por Vereadores seus delegados, com as competências atrás descritas, nas áreas geográficas dos respectivos concelhos"**.

Está aberta a discussão na generalidade.

Para apresentar o diploma tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Habitação e Equipamentos.

**Secretário Regional da Habitação e Equipamentos (José Contente):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo.

Esta Proposta de Decreto Legislativo Regional resulta da necessidade de aplicar à Região as regras básicas do funcionamento dos Centros Operacionais de Emergência

de Protecção Civil e isto decorre da aplicação directa da Lei de Bases de Protecção Civil e da legislação complementar que lhes seguiu.

Esta proposta não introduz por isso alterações significativas ao que está estabelecido na regulamentação nacional, mas limita-se a estabelecer algumas regras do funcionamento destes Centros Operacionais e da sua constituição e também, e essa parte é mais importante para nós, a adequação à realidade orgânica do Governo Regional e também da Administração Pública que existe cá nos Açores.

Neste sentido algumas designações tomam outra forma:

O Centro Regional de Operações de Emergência de Protecção Civil dos Açores de sigla CROEPCA sucede ao Centro de Coordenação e Protecção Civil.

As Comissões Locais de Protecção Civil tomam agora a designação de Centros Municipais de Operações de Emergência de Protecção Civil, assumindo grande parte das competências dessas Comissões Locais de Protecção Civil.

Portanto, há aqui uma intenção clara do Governo Regional de se adequar à Lei de Bases da Protecção Civil adaptando simultaneamente à Administração Regional e à sua orgânica.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Está à discussão na generalidade, o diploma.

Tem a palavra o Sr. Deputado Rui Ávila.

**Deputado Rui Pedro Ávila (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Apenas algumas notas para realçar que este diploma mereceu por parte dos Municípios amplo consenso, com a excepção que confirma apenas a regra de algumas notas que foram acolhidas em sede de Comissão.

Foi trabalhado, mas não se acolheu uma proposta da Câmara Municipal da Horta quanto à inclusão no artigo 9º. da menção "aos Serviços Agrícolas e Florestais, bem como aos Serviços de Ilha da Secretaria Regional de Habitação e Equipamentos" referia-se ela aos meios operacionais que esses serviços dispõem.

Entendemos que nalguns concelhos isso não se verifica e no que se refere à alínea i) desse artigo 9º., é perfeitamente possível que, município a município esses serviços sejam integrados.

Queremos também pôr em destaque, por outro lado, a sugestão do nosso colega, o nobre Deputado João Carlos Macedo, e que foi acolhida pelas restantes forças políticas em sede de Comissão, consubstancia no direito de participação dos Srs. Presidentes de Junta nas reuniões do Centro Municipal de Operações de Emergência de Protecção Civil sempre que, e cito: "estejam em causa as respectivas áreas geográficas de jurisdição, ou seja, as respectivas freguesias".

Além desta referência é de realçar o trabalho de Comissão no que se refere ao esforço de melhoria do diploma, seja na propositura duma nova e mais sintetizada epígrafe e em outras questões de pormenor de redacção foi também acolhida a sugestão da Câmara de Ponta Delgada, quanto à eliminação do parágrafo segundo do n.º 2 do artigo 8.º, ou seja, "não é devido o pagamento de qualquer senha de presença nas sessões de trabalho do Centro Regional de Operações de Emergência dos Açores, senhas essas que o Sr. Presidente do Serviço Regional de Protecção Civil entenda convocar para consulta".

Estamos assim, Sr. Presidente, Srs. Deputados, perante uma proposta que visa regular e que esperamos venha a estabilizar definitivamente este sector operacional da protecção civil que, infelizmente, tanto tem sido posto à prova nos últimos anos devido às catástrofes que a nossa Região tem sofrido.

Entendemos também por isso que com a aprovação deste diploma, a Protecção Civil dos Açores fica dotada de uma nova matriz legislativa, aliás, como prometera nesta Casa o Sr. Secretário Regional da tutela e fazemos votos para que a Protecção Civil encontre agora a necessária estabilidade.

Muito obrigado.

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado José Maria Bairos.

**Deputado José Maria Bairos (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar, para informar a Mesa que o Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata assume as alterações propostas pela Comissão.

Sobre o diploma pouco há a dizer depois das duas intervenções que foram feitas até ao momento. É, de facto, a adaptação do Decreto-Lei n.º 223/93 à Região Autónoma dos Açores e com algumas adaptações em termos de serviços de modo a adaptá-lo à

nossa realidade. Em termos de alterações, algumas foram introduzidas. Não são alterações profundas. Julgo que uma das alterações com mais profundidade é, de facto, a inclusão dos Presidentes de Junta nos serviços criados localmente e quando atingidos por calamidades, por considerarmos que são elementos que geralmente nessas situações são muito solicitados, mas não faziam parte de uma organização deste género e agora a partir desta adaptação e desta alteração proposta pela Comissão, de facto, são membros por direito dum organismo desta natureza, e mais nada tenho a afirmar sobre esta questão.

**Presidente:** Não havendo mais intervenções na generalidade vou pôr o diploma à votação, também na generalidade.

Peço imensa desculpa, o Sr. Deputado Nuno Almeida e Sousa tinha pedido a palavra. Tem a palavra o Sr. Deputado Nuno Almeida e Sousa.

**Deputado Almeida e Sousa (Indep.):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sr. Presidente está desculpado.

Eu pedi a palavra para neste período de discussão na generalidade deste diploma tecer apenas três considerações que me parecem importantes.

A primeira tem a ver com a matéria que o próprio diploma encerra e que me parece vem constituir um instrumento importante para a Protecção Civil nos Açores, sector esse onde nós nos temos queixado bastante, quer dos instrumentos que existiam, quer da actuação do próprio serviço e até questionando muitas vezes a actuação do Governo nessa matéria.

Em relação à proposta que veio da Câmara Municipal da Horta, devo dizer, que numa primeira análise também me pareceu muito pertinente. Depois numa análise mais profunda também me pareceu que ela não faria sentido até porque em muitos concelhos não existem esses serviços instalados, embora em outros, seja de primordial importância a utilização dos equipamentos e até do manancial humano que esses serviços têm, o que está previsto também, como foi dito pelo Sr. Deputado Rui Pedro Ávila, e que poderemos discutir na especialidade, na alínea i), do artigo 9º. do diploma.

Para finalizar esta intervenção, politicamente lamento que tenham existido algumas Câmaras que não tenham sequer remetido parecer à Comissão Especializada que estudou este diploma, mas isto nem é o mais grave. O que me parece grave é a forma que considero arrogante, e que quero aqui deixar o meu veemente protesto, como o autarca da Calheta de S. Jorge enviou parecer à Comissão de Política Geral e Assuntos Internacionais. Se o Sr. Presidente da Câmara Municipal da Calheta de S. Jorge não quer que o Órgão de Governo Próprio mais importante da Autonomia dos Açores o ouça diga de uma vez por todas, porque a gente então não faz esse sacrifício, agora responder arrogantemente da forma como está aqui a responder, eu na qualidade de Deputado, Deputado eleito, se calhar com mais votos do que ele foi para Presidente da Câmara, não admito tal acto e mais devo dizer que é acima de tudo ....

**Deputado João Cunha (PSD):** O Sr. está aí a ocupar o lugar de outro!

**O Orador:** Sr. Deputado tenha cuidado e leia o Regimento e o Estatuto e depois fale comigo.

**Deputado João Cunha (PSD):** O Sr. não foi eleito. Não se iluda. O Sr. está aí a ocupar o lugar de outro.

**O Orador:** Estou aqui é por obra e graça do Espírito Santo. O Espírito Santo é que me pôs aqui. É uma ilusão óptica. O Sr. tem muitas ilusões, de facto!

... um pouco arrogante da parte do Sr. Presidente da Calheta de S. Jorge estar a tecer considerações sobre a forma como os Deputados da Ilha, da qual ele é Presidente dum Concelho, trabalham os documentos na Assembleia Legislativa Regional dos Açores. E é só isso.

**Deputado Rui Pedro Ávila (PS):** *Muito bem!*

**Presidente:** Encerrada a discussão na generalidade vou pôr então o diploma à votação.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O diploma foi aprovado por unanimidade, na generalidade.

**Presidente:** Está agora aberta a discussão na especialidade.

Artigo 1º..

Vou pôr à votação o artigo 1º..



Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O artigo 1º. foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Está à discussão o artigo 2º..

Vou pôr à votação o artigo 2º..

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O artigo 2º. foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Está à discussão o artigo 3º., para o qual há uma proposta da Comissão para as alíneas b), d) e e).

Está à discussão o artigo 3º..

Não havendo intervenções vou pôr à votação o artigo 3º. com a redacção proveniente da Comissão para as alíneas já referidas.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O artigo 3º. foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Está à discussão o artigo 4º..

Pedem-me para pôr à votação os artigos 4º., 5º., 6º., 7º. e 8º..

Tem a palavra o Sr. Deputado José Maria Bairos.

**Deputado José Maria Bairos (PSD):** Sr. Presidente, é só para referir que o artigo 8º. tem uma alteração proposta pela Comissão. Portanto, tem que ser votado em separado.

Muito obrigado.

**Presidente:** Sim senhor!

Os artigos 4º. ao 7º. estão à discussão.

Vou pôr à votação os artigos 4º., 5º., 6º. e 7º..

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** Os artigos 4º., 5º., 6º. e 7º. foram aprovados por unanimidade.

**Presidente:** Está à discussão o artigo 8º. que tem uma proposta de eliminação para o seu n.º. 3, oriunda da Comissão.

Vou pôr à votação o artigo 8º., já com entendimento de eliminação do n.º. 3.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O artigo 8º. foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Está à discussão o artigo 9º. que também tem uma proposta de alteração, que resulta no aditamento do nº. 1-A e uma alteração ao nº. 5.

Está à discussão este artigo.

Não havendo intervenções vou pôr à votação o artigo 9º. já com a inclusão do aditamento e da alteração.

Não há objecções?

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O artigo 9º. foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Está à discussão o artigo 10º..

Vou pôr à votação o artigo 10º..

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O artigo 10º. foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Está à discussão o artigo 11º. e 12º..

Vou pôr à votação estes dois artigos.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** Os artigos 11º. e 12º. foram aprovados por unanimidade.

**Presidente:** Vou pôr agora a votação final global o diploma.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O diploma foi aprovado em votação final global por unanimidade.

**Presidente:** Para uma declaração de voto tem a palavra o Sr. Deputado José Maria Bairos.

**Deputado José Maria Bairos (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A aprovação de "Criação dos Centros Operacionais de Emergência de Protecção Civil de âmbito Regional e Municipal" aliada ao Decreto Legislativo Regional aprovado no último Plenário, ou seja a "Criação do Serviço Regional de Protecção Civil e Bombeiros dos Açores", completa o edifício legislativo necessário à criação de serviços vocacionados para a prevenção e ajuda às populações em situações de catástrofe. Resta-nos esperar que estes serviços funcionem bem e interligados para que os resultados sejam os melhores e que as populações se sintam protegidas e apoiadas quando atingidas por calamidades ou catástrofes.

**Presidente:** O diploma baixa para redacção final à Comissão de Política Geral e Assuntos Internacionais.

Estamos no limite da nossa hora regimental. Recomeçaremos os trabalhos amanhã às 10.00 horas com a seguinte ordem de trabalhos:

1 - Alteração ao Decreto Legislativo Regional sobre o "Conselho de Concertação Social".

2 - Proposta de Resolução sobre a "Conta de Gerência da Assembleia".

3 - Pedido de Urgência e dispensa de exame em Comissão de uma Proposta de Resolução sobre "Licenças de Pesca".

Boa noite! Muito obrigado!

*(Os trabalhos terminaram às 20.00 horas)*

*Deputados que entraram durante a Sessão:*

**Partido Socialista (PS)**

**Augusto** António Rua **Elavai**

José **Élio Valadão** Ventura

**Fernando** Manuel Machado **Menezes**

**Rui Pedro** Lopes Machado **Ávila**

**Partido Social Democrata (PSD)**

**Aires** António Fagundes **Reis**

**Duarte** Nuno de Ávila Martins de **Freitas**

**João** Manuel Bettencourt **Cunha**

**Sidónio** Manuel Moniz **Bettencourt**

*Deputados que faltaram à Sessão:*

**Partido Socialista (PS)**

Maria de **Fátima** Rocha Furtado Moniz **Sousa**

**Partido Social Democrata (PSD)**

**Berta Maria Correia de Almeida Melo Cabral**

**O Redactor de 1.<sup>a</sup> Classe: *José Rodrigues Costa***